UMA HISTÓRIA DE EXTRAORDINÁRIO

Plutão

R. J. Palacio



Plutão

R. J. Palacio

Tradução de Rachel Agavino



TÍTULO ORIGINAL
Pluto

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Thaís Nacif

LETTERING E ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

FOTO DA AUTORA
© Russel Gordon

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-745-7

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA
Adobe Caslon

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br






You
Tube


intrínseca


Observações contemporâneas estão mudando nosso entendimento dos sistemas planetários, e é importante que a nomenclatura dos objetos reflita essa compreensão atual. Isso se aplica, em particular, à designação “planetas”. Originalmente, a palavra “planeta” descrevia “corpos itinerantes” conhecidos apenas como luzes que se moviam no céu. Descobertas recentes nos levaram a criar uma nova definição, com base em informações científicas atualmente disponíveis.

— União Astronômica Internacional (IAU), Resolução B5

***

Acho que não é culpa de ninguém
Estamos saindo do chão
Algum dia as coisas voltarão a ser as mesmas?

— “The Final Countdown”, Europe

***

É tão misterioso, o país das lágrimas!

— Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*

Apresentações

Eu tinha dois dias de vida quando conheci Auggie Pullman. É claro que não lembro como foi, mas mamãe me contou. Meus pais tinham acabado de chegar em casa do hospital comigo nos braços, e os pais do Auggie também tinham acabado de chegar do hospital com ele. Mas o Auggie já estava com três meses. Ele teve que ficar internado para fazer algumas cirurgias, porque não conseguia respirar e engolir direito. A maioria das pessoas não pensa muito nisso, porque são duas coisas que fazemos de modo automático. Mas não eram automáticas para o Auggie quando ele nasceu.

Meus pais me levaram à casa dele para que fôssemos apresentados. O Auggie estava na sala, conectado a vários equipamentos médicos. Minha mãe me colocou frente a frente com ele, dizendo:

— August Matthew Pullman, este é Christopher Angus Blake, seu primeiro e mais antigo amigo.

E nossos pais aplaudiram e brindaram à ocasião.

Minha mãe e a do Auggie, Isabel, já eram melhores amigas antes de nascermos. Elas se conheceram no supermercado da Amesfort Avenue, logo que meus pais se mudaram para o bairro. Como teriam um filho em breve e moravam na mesma rua, uma de frente para a outra, as duas decidiram criar um grupo de mães — que é quando um monte de mães passeiam e se divertem juntas. No início, eram seis ou sete mulheres no grupo, além da mamãe e da Isabel. Elas fizeram alguns encontros quando ainda estavam grávidas, mas, depois que o Auggie nasceu, só duas continuaram no grupo: a mãe do Zachary e a do Alex. Não sei o que aconteceu com as outras.

Nos primeiros anos, as quatro mães do grupo — junto com a gente, os bebês — saíam juntas quase todo dia. Elas corriam no parque com a gente nos carrinhos. Faziam longas caminhadas pela margem do rio com a gente nos *slings*. Almoçavam no Heights Lounge com a gente nas cadeirinhas.

As únicas vezes em que o Auggie e a mãe não saíam com o grupo era quando precisavam ir ao hospital. Ele passou por muitas cirurgias, porque, além de respirar e engolir, muitas outras coisas não eram automáticas para ele. Comer, por exemplo. Falar. Na verdade, o Auggie não conseguia nem fechar completamente a boca. Era para ele conseguir fazer essas coisas que precisavam operá-lo. Mas mesmo depois das cirurgias o Auggie nunca comeu, ou falou, ou fechou a boca como o Zack, o Alex e eu. Mesmo depois das cirurgias ele ainda era muito diferente da gente.

Acho que só fui entender de verdade que o Auggie é *muito* diferente de todo mundo quando eu tinha quatro anos. Era inverno, e o Auggie e eu estávamos brincando no parquinho ao ar livre, embrulhados em um monte de casacos e cachecóis. Subimos a escada até o alto do brinquedão, aquela casinha que junta um monte de brinquedos, e esperamos na fila para descer pelo escorrega. Quando estava chegando a nossa vez, a garotinha no início da fila ficou com medo e se virou para descer pela escada. Foi quando ela viu o Auggie. Ela arregalou os olhos e ficou paralisada, depois começou a chorar e a gritar histericamente. Estava tão transtornada que nem conseguia sair do brinquedo. A mãe teve que subir para buscar a menina. Então o Auggie começou a chorar também, porque sabia que tinha sido por causa dele, e cobriu o rosto com o cachecol para que ninguém o visse. A mãe dele também teve que subir para buscá-lo. Não me lembro dos detalhes, mas sei que foi uma grande comoção. Várias pessoas se juntaram em volta do escorrega, todo mundo cochichando. Lembro que fomos embora do parquinho

bem depressa. Lembro que vi lágrimas nos olhos da Isabel quando estávamos voltando para casa.

Essa foi a primeira vez que eu percebi como o Auggie é diferente. Mas não foi a última. Assim como respirar e engolir, chorar também é automático para a maioria das crianças.

7h08

Não sei por que eu estava pensando no Auggie hoje. Já faz três anos que nos mudamos, e eu não o vejo desde a festa no boliche que ele deu para comemorar o aniversário, em outubro. Talvez eu tivesse sonhado com ele. Não sei. Bom, eu estava pensando no Auggie quando mamãe entrou no meu quarto, pouco depois de eu ter desligado o despertador.

— Acordado, querido? — perguntou ela, baixinho.

Como resposta, cobri o rosto com o travesseiro.

— Hora de acordar, Chris — disse mamãe, toda animada, já abrindo as cortinas.

Mesmo de olhos fechados e com a cabeça embaixo do travesseiro, notei a claridade excessiva no quarto.

— Fecha as cortinas! — resmunguei.

— Parece que hoje vai chover o dia todo — comentou mamãe, com um suspiro. E não fechou as cortinas. — Anda logo, senão você vai se atrasar de novo. E ainda tem que tomar banho.

— Mas eu tomei banho, sei lá, antes de ontem.

— Exatamente!

— Urgh — resmunguei.

— Vamos lá, rapazinho — insistiu ela, dando um tapinha no travesseiro.

Descobri o rosto.

— Tudo bem! — gritei. — Já acordei! Feliz, agora?

— Você é tão ranzinza de manhã — disse mamãe, balançando a cabeça. — Onde foi parar aquele meu garotinho doce?

— Lisa!

Mamãe odeia quando eu a chamo pelo nome. Achei que ela fosse sair do meu quarto depois disso, mas não; começou a catar as roupas do chão, jogando todas no cesto.

— Aliás, aconteceu alguma coisa ontem à noite? — perguntei, ainda de olhos fechados. — Ouvi você falando no telefone com a Isabel quando eu estava indo para a cama. Parecia alguma coisa ruim…

Mamãe se sentou na beirada da cama. Esfreguei os olhos para despertar.

— O que foi? É muito ruim? Acho que sonhei com o Auggie essa noite.

— Não, o Auggie está bem — respondeu mamãe, franzindo um pouco a testa. Ela afastou o cabelo dos meus olhos. — Eu ia esperar um pouco para…

— O que houve?!

— Sinto muito, querido, mas a Daisy morreu ontem à noite.

— O quê?

— Sinto muito, meu bem.

— Daisy!

Cobri o rosto com as mãos.

— Lamento, meu amor. Sei que você gostava muito dela.

Darth Daisy

Eu me lembro do dia em que o pai do Auggie levou a Daisy para casa. O Auggie e eu estávamos no quarto dele jogando *Trouble*, um jogo de tabuleiro, quando de repente ouvimos um gritinho no andar de baixo. Era a Via, a irmã mais velha do Auggie. A Isabel e a Lourdes, minha babá, começaram a falar mais alto, muito animadas. Então descemos correndo para saber o motivo da comoção.

O Nate, pai do Auggie, estava sentado na cozinha com um cachorro de pelo amarelo se revirando no colo. A Via estava ajoelhada na frente dele, tentando fazer carinho no cão, mas tinha que ficar tirando a mão porque o bichinho estava meio hiperativo e só queria saber de lambê-la.

— Um cachorro! — gritou o Auggie, animado, correndo até o pai.

Corri também, mas a Lourdes me segurou pelo braço, dizendo:

— Nem pensar, *papi*.

Era minha nova babá, então eu não a conhecia muito bem. Lembro que ela botava talco nos meus tênis, e até hoje faço isso, porque me lembra ela.

A Isabel estava do outro lado da cozinha, junto da Lourdes, o rosto nas mãos. Era óbvio que o Nate tinha acabado de chegar.

— Não acredito que você fez isso — repetia ela sem parar.

— Por que eu não posso fazer carinho nele? — perguntei à baba.

— Porque o Nate disse que até três horas atrás esse cachorro morava na rua com um mendigo — respondeu ela, depressa. — É nojento.

— Ela não é nojenta… é linda! — retrucou a Via, dando um beijo na testa do bicho.

— No meu país, os cães ficam do lado de fora — comentou a Lourdes.

— Ele é tão fofo! — disse o Auggie.

— É *ela*! — corrigiu a Via mais do que depressa, dando uma cotovelada no irmão.

— Cuidado, Auggie! — alertou a Isabel. — Não deixe que ela lamba seu rosto.

Mas a cadela já estava passando a língua na cara toda do Auggie.

— O veterinário disse que ela está com a saúde perfeita — disse o Nate para a esposa e a Lourdes.

— Nate, esse bicho morava na rua! — retrucou a Isabel. — Quem garante que ele não vai transmitir alguma doença?

— O veterinário deu todas as vacinas, um bom banho, vermifugou — respondeu o Nate. — A filhotinha está nos trinques.

— Ela não é filhote coisa nenhuma, Nate — disse a Isabel.

Era verdade: definitivamente, ela não era filhote. Não era pequena, rechonchuda e macia como os filhotes costumam ser. Era magra e ossuda, com uns olhos esbugalhados e uma língua esquisita, muito comprida e escura, que ficava meio caída para fora, no canto da boca. Nem pequena ela era. Era do mesmo tamanho do labradoodle da minha avó.

— Hum — fez Nate. — Bem, é *quase* um filhote, então.

— Qual é a raça dela? — perguntou o Auggie.

— O veterinário acha que é um mestiço de labrador amarelo com alguma outra raça — respondeu o

Nate. — Talvez chow-chow?

— Está mais para pit bull — disse a Isabel. — Ele ao menos identificou quantos anos ela tem?

O Nate deu de ombros.

— Dois ou três. Ele não tem certeza porque normalmente isso se avalia pelos dentes, e os dela não estão bons. Afinal, sabe como é, deve ter comido só porcaria a vida inteira.

— Lixo e rato morto — completou a Lourdes, como se tivesse plena certeza do que dizia.

— Ai, meu Deus… — murmurou a Isabel, passando a mão no rosto.

— O hálito dela é mesmo horrível — falou a Via, abanando a mão na frente do nariz.

O Nate ergueu os olhos para a esposa.

— Isabel, ela estava destinada a ser nossa.

— Espera aí, você está dizendo que vamos *ficar* com ela? — perguntou a Via, os olhos totalmente arregalados de empolgação. — Achei que fôssemos só ficar de babá até encontrarmos um lar para ela!

— Acho que o lar dela deveria ser *aqui* — disse o Nate.

— Sério, pai?! — gritou o Auggie.

O Nate sorriu e apontou com o queixo para a esposa.

— Mas isso depende da mãe de vocês.

— Você só pode estar de brincadeira! — gritou a Isabel quando os filhos correram até ela e começaram a implorar, as mãos unidas como se estivessem na igreja rezando.

— Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor — repetiam os dois, sem parar. — Por favor, por favorzinho, por favor, por favor, por favor?

— Não acredito que você está fazendo isso comigo, Nate! Como se a nossa vida já não fosse bem complicada, não é?

O Nate sorriu e baixou os olhos para a cadela, que olhava para ele.

— Olhe só pra ela, querida! Estava com fome e frio. O mendigo me pediu dez pratas por ela. O que eu ia fazer, dizer não?

— Isso — falou a Lourdes. — Simples assim.

— Salvar a vida de um cãozinho traz bom carma! — respondeu o Nate.

— Não aceite, Isabel — alertou a Lourdes. — Cachorros são sujos e fedidos. E têm germes. Além do mais, sabe quem vai acabar tendo que passear com ela e catar o cocô? — E apontou para a Isabel.

— Não é verdade, mamãe! — disse a Via. — Prometo que vou passear com ela. Todo dia.

— Eu também! — emendou o Auggie.

— Vamos tomar conta dela direitinho — continuou a Via. — Vamos dar comida. Tudo.

— Tudo! — repetiu o Auggie. — Por favor, mamãe. Por favor, por favor, por favor.

— Por favor, por favor, por favor… — pediu a Via, ao mesmo tempo.

A Isabel massageava as têmporas com os dedos, como se estivesse com dor de cabeça. Por fim, ela olhou para o Nate e deu de ombros.

— Acho que é loucura, mas… tá. Tudo bem.

— Sério? — gritou a Via, dando um abraço apertado na mãe. — Obrigada, mamãe! Muito obrigada! Prometo que vou cuidar dela.

— Obrigado, mamãe! — repetiu o Auggie, abraçando-a também.

— Ebaaaa! Obrigado, Isabel! — disse o Nate, batendo palmas com as patas dianteiras da cadela.

— Posso fazer carinho nela agora? — pedi à Lourdes, me soltando antes que ela pudesse me impedir de novo e me enfiando entre o Auggie e a Via.

Então o Nate a pôs no tapete. A cadela literalmente rolou, ficando deitada de costas para coçarem sua barriga, e fechou os olhos. Parecia que ela estava sorrindo. A língua preta e comprida chegava a encostar no tapete, pendendo pela lateral da boca.

— Foi exatamente assim que eu a encontrei — comentou o Nate, apontando para ela.

— Nunca vi uma língua tão comprida em toda a minha vida — disse a Isabel, agachando-se perto de nós, mas ainda sem fazer carinho nela. — Parece um diabo-da-tasmânia.

— É uma cadelinha linda — retrucou a Via. — Qual o nome dela?

— Que nome vocês querem dar? — perguntou o Nate.

— Tem que ser Daisy! — respondeu a Via, sem hesitar. — Ela é amarela como uma margarida.

— É um bom nome — concordou a Isabel, que enfim tinha começado a fazer carinho na cadela. — Mas ela meio que parece uma leoa. Podemos chamá-la de Elsa.

— Já sei qual vai ser o nome dela — falei, cutucando o Auggie. — Darth Maul!

— Esse é o nome mais idiota do mundo para uma cadela! — respondeu a Via, indignada.

Eu a ignorei.

— Sacou, Auggie? Do *Star Wars*!

— Isso! Darth Maul!

— Não vamos dar esse nome a ela! — falou a Via, de nariz em pé.

— Oi, Darth Maul! — disse o Auggie, beijando o focinho rosado da cadela. — Pode ser só Darth, para ficar mais curto.

A Via olhou para o pai.

— Papai, não vamos dar esse nome a ela!

— Até que soa bem — respondeu o Nate, dando de ombros.

— Mamãe! — protestou a Via, zangada.

— Concordo com a Via — disse a Isabel. — Não acho um bom nome. Ainda mais para uma cadelinha assim, com essa carinha.

— Então vai ser só Darth — insistiu o Auggie.

— Isso é ridículo — falou a Via.

— Olha, já que a mamãe deixou a gente ficar com a cachorrinha — ponderou o Nate —, ela é que deve decidir o nome.

— Pode ser Daisy, mãe? — perguntou a Via.

— Pode ser Darth, mãe? — perguntou o Auggie.

A Isabel olhou para o marido.

— Você realmente me deixou numa enrascada, Nate.

Ele riu.

E foi assim que acabaram chamando a cadela de Darth Daisy.

7h11

— Como a Daisy morreu? — perguntei à mamãe. — Foi atropelada?
— Não — respondeu ela, acariciando meu braço. — A Daisy já estava velha, querido. Era a hora dela.
— Ela não era tão velha assim.
— Estava doente.
— O quê? Então botaram ela para dormir? — perguntei, indignado. — Como puderam fazer isso?
— Querido, a Daisy estava sofrendo. Eles não queriam isso. Isabel disse que ela morreu em paz, nos braços do Nate.
Tentei imaginar como teria sido, a Daisy morrendo nos braços do Nate. Fiquei me perguntando se o Auggie estava lá quando aconteceu.
— Como se aquela família já não tivesse passado por coisas demais — acrescentou mamãe.
Não falei nada. Só fiquei olhando para o teto, cheio de adesivos em formato de estrela, daqueles que brilham no escuro. Alguns estavam descolando, presos apenas por uma ou duas pontas. Alguns tinham caído em mim, como pingos de chuva pontudos.
— A propósito, você nunca ajeitou as estrelas — falei, sem pensar.
Minha mãe não entendeu do que eu estava falando.
— O quê?
— Você disse que ia colar de novo os adesivos do teto — falei, apontando para cima. — Estão caindo em mim.
Ela olhou para o alto.
— Ah, sim — disse mamãe.
Acho que ela não esperava que a conversa sobre a Daisy terminasse tão depressa. Mas eu não queria mais falar sobre aquilo.
Mamãe ficou de pé em cima da cama, pegou um dos sabres de luz que ficam na minha estante e, com a ponta, tentou grudar de volta uma das estrelas maiores.
— Tem que passar cola, Lisa — falei, assim que a estrela de plástico caiu na cabeça dela.
— É — respondeu mamãe, tirando-a do cabelo. Ela desceu da cama de um pulo. — Será que você pode não me chamar de Lisa, por favor?
— Claro, Lisa.
Ela revirou os olhos e apontou o sabre de luz para mim, como se fosse me atacar.
— Aliás, obrigado por me acordar com notícias tão ruins — falei, sarcástico.
— Ei, foi você que perguntou — retrucou ela, guardando o sabre de luz na estante. — Eu ia esperar até de tarde para contar.
— Por quê? Não sou mais um bebê, Lisa. Eu nem via mais a Daisy. Quer dizer, eu gostava dela, claro, mas era a cachorrinha do Auggie, não minha.
— Achei que você fosse ficar muito chateado.
— Eu estou! Só não vou, tipo, começar a chorar nem nada.

— Então tá — disse ela, me olhando.

— O que foi? — perguntei, impaciente.

— Nada. Você tem razão. Não é mais um bebê. — Ela olhou para a estrela de plástico ainda grudada no dedo e, sem dizer mais nada, se abaixou e a colou na minha testa. — A propósito, você deveria ligar para o Auggie hoje.

— Para quê?

— Para quê? — Ela ergueu as sobrancelhas. — Para dizer que sente muito pela morte da Daisy. Para dar os pêsames. Porque ele é o seu melhor amigo.

— Ai, tá bom — murmurei.

— "Ai, tá bom" — repetiu ela, me remedando.

— Tudo bem, Lisa. Já entendi!

— Seu mal-humoradinho — falou, ao sair. — Você tem três minutos, Chris. Depois, tem que se levantar. Vou ligando o chuveiro para você.

— Fecha a porta! — gritei quando mamãe estava saindo.

— Por favor! — gritou ela, do corredor.

— Fecha a porta, POR FAVOR!

Ela bateu a porta.

Minha mãe é tão chata às vezes!

Tirei a estrela da testa e fiquei olhando para o adesivo. Mamãe colou aqueles enfeites no teto logo que fomos morar em Bridgeport. Ela fez tudo que podia para que eu gostasse da casa nova. Até prometeu que teríamos um cachorrinho depois que nos ajeitássemos. Mas nunca cumpriu o prometido. Só tivemos um hamster, que não se compara a um cachorro. Nem de longe. Um hamster é basicamente uma batata morna com pelos. Tudo bem, ele se mexe, é fofo e tal, mas não se deixe enganar: não é a mesma coisa que um cachorro. Chamei meu hamster de Luke. Mas ele não era a Daisy.

Pobre Daisy! Era difícil acreditar que ela tinha morrido.

Mas eu não estava com cabeça para pensar nela.

Comecei a recapitular tudo que eu pretendia fazer no dia. Ensaiar com a banda de rock da escola; estudar para a prova de matemática do dia seguinte; começar o trabalho sobre um livro, para entregar na sexta-feira; jogar *Halo*. Talvez assistir a *Amazing Race* à noite.

Joguei a estrela de plástico para o alto e fiquei vendo-a girar pelo quarto. Caiu na ponta do tapete, perto da porta.

Muitas coisas para fazer. Seria um longo dia.

Mas, mesmo enquanto eu pensava nisso, sabia que ligar para o Auggie não estava na minha lista de tarefas.

Amizades

Não lembro quando exatamente o Zack e o Alex pararam de andar com a gente. Acho que foi mais ou menos quando o Auggie e eu entramos no jardim de infância.

Antes disso, a gente se via quase todo dia. Normalmente íamos à casa do Auggie, já que volta e meia ele tinha algum problema de saúde e não podia sair. Não eram doenças contagiosas nem nada, mas mesmo assim o impediam de sair. A gente gostava de ir lá. Os pais do Auggie tinham transformado o porão da casa em uma espécie de sala de jogos, então era basicamente como estar em uma loja de brinquedos. Tinha jogos de tabuleiro, trenzinhos elétricos, mesas de *aero hockey* e de totó, até uma minicama elástica nos fundos. Nós quatro passávamos literalmente horas no porão, correndo pra lá e pra cá, fazendo duelos de sabre de luz que duravam o dia inteiro e corridas em bolas pula-pula. Fazíamos guerras de bexigas d'água. Empilhávamos caixas de papelão até formar montanhas gigantescas e brincávamos de avalanche. Nossas mães diziam que éramos os Quatro Mosqueteiros, porque vivíamos juntos. E mesmo depois que todas elas, exceto a Isabel, voltaram a trabalhar, as babás continuaram a nos levar para brincar juntos todo dia. Visitávamos o zoológico do Bronx e íamos ver os navios piratas na região de South Street Seaport. Fazíamos piqueniques no parque. Até fomos a Coney Island algumas vezes.

Depois que entramos para o jardim de infância, o Zack e o Alex passaram a sair para brincar com outras crianças. Eles não estudavam na mesma escola que eu, porque moravam do outro lado do parque, então já não os víamos mais com tanta frequência. Às vezes, quando esbarrávamos com os dois no parque, até tentávamos nos aproximar, mas os amigos novos deles pareciam não gostar da gente. Quer dizer, não é bem isso: os amigos novos deles não gostavam do *Auggie*. O próprio Zack me contou. Lembro que comentei isso com mamãe, e ela me explicou que algumas crianças poderiam se sentir "desconfortáveis" perto do Auggie, por causa da aparência dele. Foi essa a palavra que ela usou: desconfortáveis. Mas não foi a palavra que o Zack e o Alex usaram. Eles disseram que os amigos ficavam "assustados".

Eu sabia que o Zack e o Alex não ficavam desconfortáveis nem assustados com o Auggie, então não entendi por que *eles* pararam de brincar com a gente. Quer dizer, eu também fiz amigos novos na escola, mas nem por isso parei de brincar com o Auggie. Se bem que eu nunca saía com eles e com o Auggie juntos, porque, bem, misturar amigos é esquisito mesmo nas melhores circunstâncias. Na verdade, acho que também não queria que ninguém se sentisse desconfortável ou assustado.

Aliás, o Auggie também tinha o próprio grupinho de amigos. Eram de uma organização de apoio para crianças com "anomalias craniofaciais", o mesmo tipo de problema que ele tinha. Todo ano eles iam à Disney ou a algum outro lugar divertido, várias famílias juntas. O Auggie adorava essas viagens. Ele tinha amigos no país inteiro. Mas essas crianças não moravam perto da gente, então o Auggie raramente as encontrava.

Eu conheci um desses amigos uma vez, um garoto chamado Hudson. Ele tinha uma síndrome diferente, com os olhos muito afastados e meio esbugalhados. O Hudson estava passando alguns dias na casa do Auggie com os pais, que vieram a Nova York para levá-lo a algumas consultas com os médicos

do hospital em que o Auggie se tratava. O Hudson tinha a mesma idade que a gente. Lembro que ele gostava muito de *Pokémon*.

Enfim, foi legal brincar com eles naquele dia, embora eu não seja lá muito fã de *Pokémon*. Só que depois saímos todos juntos para jantar — e foi aí que eu comecei a me sentir mal. Era incrível como as pessoas encaravam a gente! Tipo, quando eu saía só com o Auggie, normalmente olhavam para ele e nem me notavam. Eu estava acostumado. Mas, com o Hudson junto, foi muito pior. As pessoas olhavam para o Auggie primeiro, depois para o Hudson, e depois, automaticamente, se viravam para mim como se estivessem se perguntando o que havia de errado comigo também. Reparei em um adolescente me encarando como se quisesse descobrir o que estava fora do lugar no meu rosto. Foi um saco! Tive vontade de gritar. Não via a hora de ir para casa.

No dia seguinte, como eu sabia que o Hudson ainda estaria lá, perguntei à Lourdes se eu podia ir brincar na casa do Zack depois da escola, em vez de ir à casa do Auggie. Não é que eu não tenha gostado do Hudson; eu gostei. Mas eu nem curto *Pokémon* e, definitivamente, não queria que ficassem me encarando de novo se saíssemos juntos.

Acabei me divertindo à beça na casa do Zack. O Alex também foi, e nós três ficamos jogando bola no quintal dele. Foi realmente como nos velhos tempos — a única diferença era que o Auggie não estava com a gente. Mas foi legal. Ninguém ficou olhando para a nossa cara. Ninguém se sentiu desconfortável. Ninguém ficou assustado. Brincar com o Zack e o Alex era fácil. Foi então que eu entendi por que eles tinham se afastado. Ser amigo do Auggie era bem difícil às vezes.

Por sorte, o Auggie nunca me perguntou por que eu não fui à casa dele naquele dia. Fiquei aliviado por isso. Eu não sabia como poderia dizer que ser amigo dele também era difícil para mim às vezes.

8h26

Não sei por quê, mas chegar à escola na hora é quase impossível para mim. Sério, não entendo o que acontece. Todo dia é a mesma coisa. Eu não ouço o despertador, e mamãe ou papai me acorda. Não importa se tomo banho ou não, se tomo um café da manhã demorado ou só como um biscoito, eu acabo me enrolando para sair, mamãe gritando "anda logo e pega o casaco", "anda logo e amarra o tênis". E, mesmo nas raras ocasiões em que conseguimos sair a tempo, eu esqueço alguma coisa, então temos que voltar de qualquer jeito. Às vezes, é o dever de casa; às vezes, o trombone. Não sei por que isso acontece comigo, não sei mesmo. Só sei que é assim. Tanto faz se durmo na casa da minha mãe ou na do meu pai; sempre me atraso.

Hoje eu tomei um banho curto, me vesti bem rápido, comi um biscoito e consegui sair a tempo. Só depois dos quinze minutos que levamos para chegar de carro à escola foi que eu me dei conta de que tinha esquecido o trabalho de ciências, o short de educação física *e* o trombone. Bati meu recorde de coisas esquecidas.

— Você só pode estar brincando — disse mamãe quando contei a ela, me olhando pelo retrovisor.

— É sério! — falei, roendo as unhas de nervosismo. — Podemos voltar?

— Chris, você já está atrasado! Com essa chuva, vamos levar quarenta minutos para chegar em casa e voltar à escola. Não. Você vai para a aula, e eu escrevo um bilhete ou algo assim.

— Não posso aparecer sem o trabalho de ciências! — argumentei. — A aula é no primeiro tempo!

— Devia ter pensado nisso antes de sair de casa! — respondeu ela. — Agora vai, saia do carro, ou ainda por cima vai se atrasar para a aula. Olha lá, os ônibus já estão até indo embora! — Ela apontou para o estacionamento. Realmente, os ônibus escolares já começavam a sair.

— Lisa! — falei, em pânico.

— O que foi, Chris? — disparou ela de volta. — O que você quer que eu faça? Não posso me teletransportar.

— Não pode ir em casa e buscar as coisas para mim?

Ela passou os dedos pelo cabelo, que estava molhado de chuva.

— Quantas vezes já falei para você arrumar suas coisas na noite anterior, para não esquecer nada, hein?

— Lisa!

— Tudo bem. Vai para a aula que eu busco as suas coisas. Agora saia logo do carro, Chris.

— Mas você tem que correr!

— Vai! — Ela se virou e me lançou aquele olhar que ela faz às vezes: os olhos ficam enormes e ela fica parecendo um passarinho do *Angry Birds*. — Saia do carro e entre na escola! Já!

— Tá bom!

Saí do carro batendo os pés. Tinha começado a chover mais forte e é claro que eu não tinha guarda-chuva.

Ela baixou o vidro da janela.

— Tome cuidado até chegar à calçada!

— Trombone, trabalho de ciências, short de educação física — lembrei a ela, contando nos dedos.

— Olhe por onde anda — disse ela, assentindo. — Isto é um estacionamento, Chris!

— A professora vai me tirar dois pontos se eu não entregar o trabalho até o fim do primeiro tempo! — insisti. — Você tem que voltar antes!

— Eu sei, Chris. Agora saia do estacionamento, meu bem.

— Trombone, trabalho de ciências, short de educação física! — repeti, andando de costas em direção à entrada.

Uma bicicleta passou por mim e desviou para não me atropelar.

— Olhe por onde anda, Chris!

— Desculpa! — falei para o homem na bicicleta, que carregava na cestinha um bebê todo embrulhado em mantas.

O cara me olhou com ar de reprovação e saiu pedalando.

— Chris! Você tem que olhar por onde anda! — gritou mamãe.

— Quer parar de gritar? — gritei de volta.

Ela respirou fundo e esfregou a testa.

— Saia. Do. Estacionamento. POR FAVOR — falou ela, entre os dentes cerrados.

Eu me virei, olhei para os dois lados de um jeito exagerado e atravessei o estacionamento até o caminho que leva à entrada da escola. A essa altura, estava saindo o último ônibus escolar.

— Feliz agora? — perguntei ao chegar à entrada.

Mesmo a mais de cinco metros de distância, ouvi mamãe suspirar.

— Vou deixar as suas coisas na secretaria — disse ela, girando a chave na ignição e olhando para trás enquanto dava a marcha a ré lentamente para sair da vaga. — Tchau, querido. Tenha um bom…

— Espera!

Corri até o carro em movimento. Ela freou, cantando pneu.

— Chris!

— Esqueci a mochila — falei, abrindo a porta do carro para alcançar o banco traseiro.

Pelo canto do olho, vi que ela balançava a cabeça.

Peguei a mochila, fechei a porta, olhei novamente para os dois lados de um jeito exagerado e fui correndo até o caminho que leva à entrada. A chuva agora caía com força. Levantei o capuz para proteger a cabeça.

— Trombone! Trabalho de ciências! Short de educação física! — gritei, sem olhar para mamãe, e corri para a entrada da escola.

— Te amo! — ouvi minha mãe gritar.

— Tchau, Lisa!

Consegui entrar um segundo antes de o primeiro sinal tocar.

9h14

Passei a aula de ciências inteira olhando para o relógio. Quando faltavam uns dez minutos para o sinal tocar, pedi para ir ao banheiro. Corri até a secretaria o mais rápido que consegui e pedi à Sra. Denis, a velhinha gentil que fica no balcão, que me entregasse as coisas que minha mãe tinha deixado.

— Sinto muito, Christopher, mas sua mãe não deixou nada aqui.

— O quê?

— Ela disse que horas viria? — perguntou a Sra. Denis, olhando para o relógio. — Passei a manhã inteira aqui. Tenho certeza de que não foi um desencontro.

Ela deve ter visto a cara de pavor que eu fiz, porque indicou que eu desse a volta no balcão e apontou para o telefone.

— Por que não liga para ela, querido?

Liguei para o celular da mamãe, mas caiu na caixa postal.

— Oi, mãe. Sou eu. Você… hum… você não está aqui e são… — Olhei para o relógio de parede. — São nove e catorze. Vou me ferrar muito se você não aparecer em dez minutos, então… É. Valeu mesmo, Lisa.

Desliguei.

— Tenho certeza de que ela vai chegar a qualquer minuto — disse a Sra. Denis. — O trânsito está muito complicado por causa das obras. E a chuva aumentou muito…

— É.

Voltei para a aula.

De início, achei que estivesse com sorte, pois a professora não falou nada sobre o trabalho, mas assim que o sinal tocou ela avisou para o deixarmos na mesa dela antes de sairmos da sala.

Esperei a turma toda ir embora para só então me aproximar da mesa dela.

— Hum… Sra. Kastor? — comecei.

— Pois não, Christopher?

— É que… hum… me desculpe, mas eu esqueci o trabalho em casa…? — Ela continuou apagando o quadro-negro. — Minha mãe está trazendo, mas ela ficou presa na chuva…?

Não sei bem por quê, mas, quando falo com professores e fico um pouco nervoso, termino as frases elevando a voz no fim de cada frase e tudo fica parecendo uma pergunta.

— É a quarta vez que você esquece um trabalho neste semestre, Christopher.

— Eu sei. — Dei de ombros e sorri. — Mas não sabia que a *senhora* sabia! Ha. — Ela não esboçou nem um sorrisinho diante da minha tentativa de fazer graça. — Eu só quis dizer que não sabia que a senhora estava registrando…

— São menos dois pontos, Chris.

— Mesmo se eu entregar no próximo tempo?

Sei que eu estava parecendo um chorão a essa altura.

— Regras são regras.

— É tão injusto… — murmurei, balançando a cabeça.

Então o segundo sinal tocou. Corri para a aula seguinte antes que ela pudesse responder ao meu comentário.

10h05

O Sr. Wren, meu professor de música, ficou tão zangado por eu ter esquecido o trombone quanto a Sra. Kastor por causa do trabalho de ciências. Para começar, eu tinha dito a ele que hoje emprestaria meu instrumento à Katie, a primeira trombonista, para que ela pudesse treinar o solo que faria no concerto de primavera. Vai ser na quarta-feira à noite. O trombone da Katie estava no conserto, e o único reserva estava tão amassado que a vara nem passava da quarta posição. Ou seja, não foi só o Sr. Wren que ficou bravo. E a Katie é o tipo de garota que você não quer deixar irritada. Ela é mais alta que todo mundo da classe e, quando fica zangada, lança olhares realmente assustadores.

Expliquei à Katie que minha mãe já estava chegando com o trombone, então ela não olhou feio para mim logo de cara, e, para não passar a aula inteira sem fazer nada, usou o trombone amassado mesmo. Em geral, quando as pessoas esquecem o instrumento, o Sr. Wren as manda ficarem sentadas em silêncio num canto, assistindo ao ensaio. Não podem ler nada, nem fazer o dever de casa; têm que ficar ali ouvindo a orquestra tocar. Não é exatamente a experiência mais empolgante do mundo. Foi o que eu fiz hoje, claro, já que não tinha nenhum trombone extra para mim.

No intervalo, corri de novo até a secretaria para pegar minhas coisas, que, àquela altura, minha mãe finalmente devia ter deixado lá. Mas não: ela ainda não tinha aparecido.

— Ela deve estar presa no trânsito — falou a Sra. Denis.

— Não, acho que já sei o que aconteceu — respondi, mal-humorado.

A ideia tinha me ocorrido enquanto eu assistia ao ensaio da orquestra.

Isabel.

Dãã! Claro! A Daisy tinha acabado de morrer. Devia ter acontecido mais alguma coisa. Talvez algo a ver com o Auggie. E a Isabel devia ter ligado para a minha mãe, que, como sempre, largou tudo o que estava fazendo para ajudar os Pullman.

Talvez ela estivesse na casa dos Pullman naquele exato momento! Aposto que a Isabel tinha ligado quando mamãe já estava a caminho da escola com meu trombone, meu trabalho de ciências e o short de educação física no banco de trás, e pronto, mamãe tinha se esquecido de mim completamente. Só podia ter sido isso! E não seria a primeira vez.

— Quer ligar para ela de novo? — perguntou a Sra. Denis, estendendo o telefone para mim.

— Não, obrigado — murmurei.

Quando voltei para a aula de música, a Katie veio me perguntar:

— Cadê o trombone? — As sobrancelhas dela estavam quase alcançando o meio da testa. — Você disse que a sua mãe estava trazendo!

— Ela ficou presa no trânsito…? — falei, em tom de desculpas. — Mas ela vai trazer quando vier me buscar hoje…? — Acho que a Katie me deixava tão nervoso quanto os professores. — Você pode me encontrar depois da aula, às cinco e meia…?

— Por que eu iria querer esperar aqui até as cinco e meia? — retrucou ela, estalando a língua de irritação, e me lançou o mesmo olhar de quando eu, sem querer, abri a chave de água do meu trombone no copo de refrigerante dela, algumas semanas antes. — Valeu mesmo, hein, Chris! Agora meu solo no

concerto vai ser uma tragédia. E a culpa é toda sua!

— Não é culpa minha…? Minha mãe devia ter trazido as minhas coisas…?

— Você é tão… idiota — murmurou ela.

— Você que é — foi minha resposta brilhante.

— Você tem orelhas de abano.

E ela se afastou com os braços estendidos ao lado do corpo, as mãos fechadas em punho.

— Humpf — fiz, revirando os olhos.

E ela passou o resto da aula me lançando os olhares mais feios que você pode imaginar, lá da cadeira dela na orquestra. Se olhares matassem, Katie McAnn seria uma serial killer.

Tudo isso poderia ter sido evitado se mamãe não tivesse me abandonado hoje! Eu estava muito irritado com ela. Ah, mas Lisa ia se arrepender à noite. Eu já podia até ver: ela ia chegar à escola para me buscar, toda "Me desculpe, querido! Tive que ir até a casa dos Pullman, porque eles precisavam de ajuda com... blá-blá-blá".

E eu ia dizer: "Blá-blá-blá."

E ela: "Poxa, querido, você sabe que eles precisam da nossa ajuda às vezes."

"Blá! Blá! Blá!"

Espaço

Quando fez cinco anos, o Auggie ganhou de aniversário um capacete de astronauta. Não lembro quem deu, só sei que ele começou a usar aquele capacete o tempo todo. Em todo lugar. Todos os dias. As pessoas achavam que era porque ele queria esconder o rosto — e talvez fosse mesmo, em parte. Mas acho que era mais porque ele realmente adorava o espaço sideral. Estrelas e planetas. Buracos negros. Tudo que tivesse a ver com as missões Apollo. O Auggie começou a dizer a todo mundo que seria astronauta quando crescesse. No início, não entendi por que ele estava tão obcecado com essas coisas, mas aí, num fim de semana, nossas mães nos levaram ao planetário do Museu de História Natural — e foi aí que eu também fui abduzido. Assim começou o que chamamos de nossa "fase espacial".

O Auggie e eu já tínhamos passado por muitas fases àquela altura. Zumbis. Robôs. Dinossauros. Ninjas. *Power Rangers* (tenho vergonha de admitir). Mas, até então, nada tinha sido tão intenso quanto nossa fase espacial. Assistíamos a todos os DVDs sobre o universo que conseguíamos encontrar. Vídeos do espaço. Livros ilustrados sobre a Via Láctea. Maquetes tridimensionais do Sistema Solar. Modelos de foguetes. Passávamos horas brincando de missões no espaço sideral ou fingindo que pousávamos em Plutão. Era o planeta para o qual mais gostávamos de viajar. Plutão era o nosso Tatooine.

Ainda estávamos na fase espacial na época do meu aniversário de seis anos, então meus pais decidiram fazer uma festa no planetário. O Auggie e eu ficamos tão animados! Tinham acabado de lançar um novo filme, e ainda não tínhamos visto. Convidei a minha turma inteira do primeiro ano. Além do Zack e do Alex, claro. Convidei até a Via, mas ela não pôde ir, porque tinha outra festa de aniversário no mesmo dia.

Só que no dia do meu aniversário a Isabel ligou para mamãe dizendo que precisava levar o Auggie ao hospital. Ele tinha acordado com febre alta, as pálpebras praticamente fechadas de tão inchadas. Alguns dias antes, ele havia passado por um "pequeno" procedimento para corrigir uma cirurgia anterior, que deveria deixar as pálpebras inferiores menos caídas, e acabaram infeccionadas. Então o Auggie teve que ir ao hospital bem no dia da minha festa de seis anos.

Fiquei tão frustrado! E foi ainda pior quando mamãe me disse que a Isabel tinha pedido a ela para levar a Via à outra festa.

Mamãe concordou antes mesmo de falar comigo:

— Sim, claro, tudo que pudermos fazer para ajudar!

Mesmo que, por causa disso, ela acabasse chegando atrasada à *minha* festa de aniversário!

— Mas por que o Nate não pode levar a Via? — perguntei à minha mãe.

— Porque ele vai levar a Isabel e o Auggie ao hospital. Não é nada de mais, Chris. Vou levar a Via de táxi e depois pego o trem.

— Mas não tem mais ninguém que possa fazer isso? Por que tem que ser você?

— A Isabel não tem tempo para ficar ligando para as outras mães, Chris! Se a gente não levar a Via, ela vai ter que ir ao hospital com eles. Coitada da menina, sempre perdendo as coisas…

— Mãe! Eu não me importo com a Via! Não quero que você chegue atrasada na minha festa!

— Chris, o que você queria que eu dissesse? Eles são nossos amigos. A Isabel é minha melhor amiga,

assim como o Auggie é seu melhor amigo. E, quando amigos precisam de nós, fazemos o que podemos para ajudar, certo? Não podemos ser amigos só quando é conveniente para a gente. Boas amizades valem um esforcinho a mais!

Como eu não disse nada, ela beijou minha mão.

— Prometo que não vai demorar — disse mamãe.

Mas demorou. Ela acabou se atrasando mais de uma hora.

— Sinto muito, querido… O trem A estava parado… Eu não achava táxis em lugar nenhum… Sinto muito…

Eu sabia que mamãe estava péssima, mas a situação toda me irritou demais. Lembro que até papai ficou chateado.

Então, sim, ela se atrasou, e até perdeu o filme sobre o universo.

15h50

O resto do dia acabou sendo tão ruim quanto o início. Tive que passar a aula de educação física sentado, porque esqueci o short e não tinha nenhum reserva no armário. Durante o almoço, a Katie McAnn e todas as amigas ficaram me olhando de cara feia. Quanto às outras aulas, nem lembro. A última foi de matemática. Eu sabia que teríamos uma prova importante no dia seguinte, mas não tinha estudado nada no fim de semana. Foi só quando a professora, a Sra. Medina, começou a revisar a matéria para a prova que percebi que estava bem ferrado. Eu me sentia completamente perdido no que ouvia. Sério, era como se de repente a Sra. Medina estivesse falando numa língua inventada que todo mundo na sala parecia entender, menos eu. *Blá-blá-blá quociente. Blá-blá-blá divisor.* No fim da aula, ela sugeriu que os alunos com mais dificuldade a procurassem para uma ajudinha extra. *Hum, está falando comigo!* Mas eu tinha ensaio da banda, então não podia ir.

Logo que terminou a aula, desci correndo para o auditório. Os ensaios da banda de rock da escola são às segundas e terças, à tarde, depois das aulas. Eu tinha começado na banda apenas alguns meses antes, mas já estava muito empolgado. Fazia quase um ano que eu vinha aprendendo guitarra, e meu pai, que tocava muito bem, me ensinou todos aqueles grandes *licks*. Aí, quando o "Papai Noel" me deu uma guitarra de Natal, decidi que estava pronto para fazer parte da banda da escola. Fiquei um pouco nervoso no começo, já que os três caras que já tocavam são muito bons. Mas então descobri que tinha um aluno do quarto ano, chamado John, que iria entrar junto comigo, então soube que não seria o único novato. O John também tocava guitarra. Ele usava óculos iguais aos do John Lennon.

Os outros três garotos da banda eram o Ennio, considerado um prodígio da bateria; o Harry, na guitarra principal; e o Elijah, no baixo. O Elijah também é o vocalista e meio que o líder da banda. Os três estão no sexto ano e tocam na banda desde o quarto. Ou seja, é um grupo bem fechado.

Não posso dizer que os outros ficaram muito empolgados quando o John e eu entramos. Não que eles não sejam legais, mas também não são *legais*. Não nos tratavam como se fôssemos integrantes da banda à altura deles. Obviamente, achavam que a gente não tocava tão bem quanto eles — e, para ser sincero, era verdade. Mas, ainda assim, estávamos nos esforçando de verdade para melhorar.

— Então, Sr. B. — disse o Elijah, depois de improvisarmos um pouco, cada um na sua —, estávamos pensando em tocar "Seven Nation Army" no concerto de primavera, na quarta-feira.

O Sr. Bowles é o professor orientador da banda. Ele tem cabelo grisalho, sempre preso num rabo de cavalo, e fez parte de uma famosa banda de folk-rock nos anos 1980 (da qual meu pai, por exemplo, nunca ouviu falar). O Sr. Bowles é bem legal, sempre tentando fazer os outros garotos incluírem o John e eu. Isso, claro, só deixa os três ainda mais irritados com a gente. E com o Sr. Bowles. Zombam da mania dele de às vezes falar de olhos fechados, do rabo de cavalo e do gosto musical dele.

— "Seven Nation Army"? — disse o Sr. Bowles, como se estivesse impressionado com a escolha. — É uma música ótima, Elijah.

— É do Europe também? — perguntou o John, já que algumas semanas antes tínhamos concordado, depois de muita discussão, em tocar "The Final Countdown", do Europe.

Elijah bufou e fez uma careta.

— Cara — respondeu ele, sem olhar para o John nem para mim —, é White Stripes.

O Elijah é muito bom em falar com o cabelo louro e comprido caído na cara.

— Nunca ouvi falar dessa banda! — comentou o John, todo animado, e eu quis morrer de vergonha.

A verdade é que eu também não conhecia os White Stripes, mas sabia que era melhor fingir que conhecia — pelo menos até chegar em casa e baixar a música. O John não é muito bom na dinâmica social que rola entre os integrantes de uma banda de rock e as suas muitas sutilezas. Se quiser se encaixar, você meio que precisa se deixar levar. Mas, como eu disse, o John não tem muito jeito para essas coisas.

O Elijah riu e se virou para afinar o baixo.

O John olhou para mim por cima dos minúsculos óculos redondos e fez uma cara de "Sou só eu, ou eles estão loucos?".

Como resposta, dei de ombros.

O John e eu tínhamos nos tornado nosso próprio grupinho dentro da banda. Ficávamos juntos nos intervalos e ríamos das nossas piadas, principalmente porque os outros três ficavam juntos e riam das próprias piadas. Toda quinta-feira eu ia à casa do John depois da escola, para ensaiarmos ou ouvirmos algumas músicas de rock clássico. Era uma tentativa de mostrarmos que sabíamos tanto de rock quanto os outros. E aí dávamos sugestões de músicas que poderíamos tocar. Até então, tínhamos sugerido "Yellow Submarine" e "Eye of the Tiger". Mas o Elijah, o Harry e o Ennio vetaram as duas.

Até que foi bom, porque eu gosto muito de "The Final Countdown". Foi ideia do próprio Sr. Bowles. *It's the final countdown!*

— Não sei, pessoal — disse o Sr. Bowles. — Acho que não dá tempo de aprendermos uma música nova até quarta. Talvez seja melhor a gente ficar com "The Final Countdown" mesmo, não?

Ele tocou as notas de introdução no teclado, e John começou a balançar a cabeça ao ritmo.

Então o Elijah começou a tocar no baixo um *riff* incrível, que, como viemos a descobrir, era a introdução de "Seven Nation Army". Pegando a deixa, os outros dois começaram a tocar também. Ficou óbvio que eles já tinham ensaiado a música muitas vezes. E tenho que admitir: estavam mandando muito bem.

Em algum momento do segundo refrão, o Sr. Bowles ergueu a mão para que eles parassem.

— Tudo bem, rapazes, ficou incrível. Arrasou no baixo, Elijah. Mas todos têm que saber tocar a música para o concerto de primavera, certo? Esses dois carinhas aqui precisam ter uma chance de aprender a música também. — Ele apontou para mim e para o John.

— Mas são só acordes básicos — argumentou o Elijah. — Tipo dó, sol! Si. Ré. Vocês sabem o ré, né? — Ele olhou para nós como se fôssemos alienígenas. — É sério que não conseguem fazer isso?

— Eu consigo — falei depressa, posicionando os dedos nos acordes.

— Detesto o si — disse John.

— É tão fácil! — comentou o Elijah.

— Mas e "The Final Countdown"? — choramingou o John. — Eu passei semanas treinando!

Ele começou a tocar a mesma introdução que o Sr. B tinha tocado, mas, para ser sincero, não ficou tão bom.

— Cara, isso foi incrível! — elogiou o Sr. B, erguendo a mão para um *high-five*.

Notei que o Elijah trocou um olhar com Harry, que disfarçou como se estivesse segurando o riso.

— Pessoal, temos que ser justos — disse o Sr. B. para o Elijah.

— A questão é a seguinte — respondeu o Elijah. — Só podemos tocar uma música no concerto de primavera, e queremos que seja "Seven Nation Army". A maioria vence.

— Mas não foi isso que *combinamos*! — gritou o John. — Não é justo, porque vocês concordaram em tocar "The Final Countdown", e o Chris e eu levamos um tempão para aprender…

Preciso admitir que o John estava sendo corajoso em discutir assim com um garoto do sexto ano.

— Foi mal, cara — falou o Elijah, mexendo distraidamente no amplificador. Mas ele não parecia nem um pouco arrependido.

— Ok, vamos entrar num consenso, pessoal — interveio o Sr. B, de olhos fechados.

— Sr. B.? — chamou o Ennio, levantando a mão, como se estivesse em aula. — A questão é que queremos tocar uma música que a gente realmente goste.

— É! — concordou o Elijah.

— "The Final Countdown" não representa a nossa musicalidade — concluiu o Ennio.

— Mas não é justo! — insistiu o John. — Essa é a banda de rock *da escola*. Não é a banda *de vocês*! Vocês não podem fazer isso!

— Cara, vocês podem tocar o que quiserem ano que vem — respondeu o Elijah, que parecia querer arrancar os óculos do John da cara dele. — Podem tocar "Atirei o pau no gato" que eu não estou nem aí.

Os outros riram.

O Sr. Bowles finalmente abriu os olhos.

— Ok, pessoal, já chega — falou, erguendo as mãos. — Vamos fazer o seguinte: vamos ver se vocês dois conseguem aprender "Seven Nation Army" entre hoje e amanhã — disse, apontando para mim e para o John. — Vamos ensaiar um pouco hoje, mas também vamos dar uma finalizada em "The Final Countdown". Aí amanhã a gente vê em qual música vocês estão se saindo melhor. Mas sou eu que vou decidir o que vamos tocar, ok? Combinado?

O John assentiu, ávido, mas o Elijah revirou os olhos.

— Então vamos começar com "The Final Countdown" — continuou o Sr. Bowles, e bateu palmas duas vezes. — Do começo. Vamos lá, pessoal. "The Final Countdown"! Do começo. Ennio, acorda! Harry! Elijah, vamos lá, cara! No quatro. Um. Dois. Três…

Tocamos a música. Mesmo com o Elijah e os outros sem a menor vontade, eles arrebentaram. Na verdade, éramos incríveis juntos, pensei.

— Foi demais! — disse o John quando a música terminou.

E levantou a mão para mim, para um *high-five*, o que fiz um pouco relutante.

— Tanto faz — disse o Elijah, balançando a cabeça para tirar o cabelo do rosto.

O restante do ensaio foi para pegarmos "Seven Nation Army".

Mas o John errava toda hora e pedia para voltar desde o início. Não estava nada bom.

A mãe do John, que tinha acabado de entrar na sala da banda, tentava bater palmas enquanto segurava o guarda-chuva molhado.

— Vocês estão ótimos! — comentou ela.

O Sr. B. olhou para o relógio.

— Nossa, já são cinco e meia? Caramba! Meninos, eu tenho um compromisso hoje. Vamos guardar as coisas. Rápido. Tudo no armário.

Comecei a colocar minha guitarra no estojo.

— Vamos lá, pessoal! — disse o Sr. B, enrolando o fio dos microfones.

Nós começamos a guardar às pressas os instrumentos.

— Até amanhã, Sr. B. — disse o John, que foi o primeiro a ficar pronto para ir embora. — Tchau, Elijah. Tchau, Ennio. Tchau, Harry! — Ele acenou para os outros. — Vejo vocês amanhã.

Vi os três se entreolharem, mas acenaram de volta para o John.

— Tchau, Chris! — completou o John, bem alto, já na porta.

— Tchau — murmurei.

Eu gostava dele, de verdade. Quando estávamos sozinhos, ele era incrível. Mas às vezes era completamente sem noção. Era como ser amigo do Bob Esponja.

Depois que o John foi embora com a mãe, o Elijah foi até o Sr. Bowles, que estava guardando o microfone.

— Sr. B. — disse ele, todo educado —, por favor, podemos tocar "Seven Nation Army" na quarta à noite?

Nesse momento a mãe do Ennio chegou para buscar os três.

— Amanhã a gente vê isso — respondeu o Sr. Bowles, distraído, enquanto guardava o restante do equipamento no armário.

— Até parece. Você vai escolher "The Final Countdown" — disse o Elijah, e saiu.

— Tchau, pessoal — falei para o Harry e o Ennio, que estavam saindo atrás do Elijah.

— Tchau, cara — responderam os dois.

O Sr. B. trancou o armário e só então notou que eu ainda estava ali.

— Cadê a sua mãe?

— Acho que ela está atrasada.

— Você não tem celular?

Peguei meu celular na mochila e o liguei.

Não havia mensagens de texto nem chamadas perdidas da mamãe.

— Ligue para ela! Tenho que ir, rapaz.

17h48

Quando eu estava prestes a ligar, meu pai bateu na porta da sala. Fiquei muito surpreso, porque ele nunca tinha ido me buscar numa segunda-feira.

— Pai!

Ele sorriu e entrou.

— Desculpe, eu me atrasei — falou papai, sacudindo o guarda-chuva.

— Este é o Sr. Bowles — apresentei.

— É um prazer conhecê-lo! — disse o Sr. B., depressa, já na porta. — Sinto muito, mas não posso ficar para conversar. Seu filho é um ótimo aluno!

Ele saiu. Um segundo depois, gritou do corredor:

— Não esquece de trancar a porta depois que sair, Chris!

— Pode deixar! — gritei de volta. Então me virei para papai. — O que você está fazendo aqui?

— Sua mãe me pediu para vir buscar você — respondeu ele, pegando minha mochila.

— Já sei: ela está na casa do Auggie, não está? — falei, meio irritado, vestindo o casaco.

Papai ficou surpreso.

— Não — disse ele. — Está tudo bem, Chris. Coloque o capuz… está chovendo muito.

— Então cadê ela? — perguntei, me dirigindo à porta com papai. — Por que ela não trouxe as minhas coisas?

Ele pôs a mão no meu ombro e continuamos andando.

— Não quero que você fique preocupado, mas… Sua mãe sofreu um pequeno acidente de carro hoje.

Parei.

— O quê?

— Ela está bem. Não precisa se preocupar. Juro. — Papai fez um gesto para eu continuar andando.

— Onde ela está?

— Ainda no hospital.

— Hospital? — gritei, e parei mais uma vez.

— Chris, ela está bem, juro — respondeu papai, me puxando pelo cotovelo. — Mas quebrou a perna. Está com um gesso enorme.

— Sério?

— Sim. — Ele segurou a porta para mim enquanto abria o guarda-chuva. — Coloque o capuz, Chris.

Cobri a cabeça e cruzamos o estacionamento correndo. A chuva estava muito forte mesmo.

— Ela foi atropelada?

— Não, ela estava dirigindo. Ao que parece, a chuva causou uma pequena inundação na via expressa e, por isso, um caminhão de obra caiu numa vala. Sua mãe desviou para não bater no caminhão, mas acabou sendo atingida por um carro que vinha pela pista contrária. A mulher que dirigia o outro carro também não sofreu nada grave. Sua mãe está bem. A perna dela vai ficar boa. Todo mundo está bem, graças a Deus.

Ele parou perto de um carro vermelho que eu nunca tinha visto.

— É novo? — perguntei, confuso.

— É alugado — respondeu papai, depressa. — O carro da sua mãe sofreu perda total. Vamos, entre.

Eu me sentei no banco traseiro. A essa altura, meus tênis estavam encharcados.

— E o seu carro?

— Peguei o trem e fui direto para o hospital — respondeu ele.

— A gente devia processar o motorista do caminhão — falei, colocando o cinto de segurança.

— Foi um acidente — murmurou ele, e partiu com o carro.

— Quando foi que aconteceu? — perguntei.

— De manhã.

— De manhã que horas?

— Não sei. Umas nove, talvez. Eu tinha acabado de chegar ao trabalho quando me ligaram do hospital.

— Espera aí, a pessoa que ligou sabia que você e a mamãe estão se divorciando?

Ele me olhou pelo retrovisor.

— Chris, sua mãe e eu vamos sempre poder contar um com o outro. Você sabe disso.

— Ah... — falei, dando de ombros.

Olhei pela janela. Era aquela hora do dia em que o sol já se pôs, mas as lâmpadas dos postes ainda não se acenderam. Além de escuras, as ruas estavam brilhando, por causa da chuva. Ao longo do caminho, víamos as poças refletindo as luzes brancas e vermelhas dos carros.

Imaginei mamãe dirigindo na chuva aquela manhã. Será que o acidente tinha acontecido antes ou depois de ela buscar minhas coisas para levar à escola?

— Por que você achou que ela estava na casa do Auggie? — perguntou papai.

— Não sei — respondi, ainda olhando pela janela. — A Daisy morreu. Achei que…

— A Daisy morreu? Nossa, eu não sabia. Quando foi isso?

— Ontem de noite. Eles botaram ela para dormir.

— Ela estava doente?

— Pai, eu não sei os detalhes!

— Tudo bem, não precisa se irritar.

— Eu só… eu queria que você tivesse me contado sobre o acidente mais cedo! Alguém devia ter me avisado.

Papai me olhou pelo retrovisor de novo.

— Não tinha por que deixar você preocupado, Chris. Estava tudo sob controle. Além do mais, você não poderia fazer nada.

— Passei a manhã inteira esperando a mamãe voltar com as minhas coisas! — falei, cruzando os braços.

— Foi um dia atípico para todos nós, Chris. Passei o dia cuidando de formulários do seguro, aluguel de carros, indo e voltando do hospital…

— Eu poderia ter ido ao hospital com você.

— Bem, então você está com sorte — disse ele, batucando no volante —, porque é para lá que estamos indo agora mesmo.

— Espera aí, estamos indo ao hospital?

— Sua mãe acabou de ter alta, então vamos buscá-la. — Ele me olhou pelo retrovisor de novo, mas desviei o olhar. — Não é ótimo?

— Aham.

Seguimos em silêncio por alguns segundos. Caía um dilúvio lá fora. Papai acelerou os limpadores de para-brisa, e eu apoiei a cabeça na janela.

— O dia hoje foi uma droga — murmurei.

Soprei no vidro da janela e desenhei uma carinha triste com o dedo.

— Você está bem, Chris?

— Sim. Odeio hospitais, só isso.

A visita ao hospital

A primeira e única vez que eu fui a um hospital antes de ir buscar mamãe foi para visitar o Auggie. Tínhamos mais ou menos seis anos. O Auggie já tinha passado por, tipo, um milhão de cirurgias, mas aquela foi a primeira vez que mamãe me levou para visitá-lo, porque, segundo ela, eu já estava grandinho.

Dessa vez, a cirurgia tinha sido para remover o acesso da traqueostomia, um negócio de plástico que ficava enfiado no pescoço, debaixo do pomo de adão. Foi o que os médicos puseram dentro do Auggie logo que ele nasceu, para que ele conseguisse respirar. E agora iriam tirá-lo, porque tinham certeza de que ele já conseguiria respirar sozinho.

O Auggie estava muito animado com essa cirurgia. Ele odiava o buraco da traqueostomia. E, quando digo que odiava, quero dizer que *odiaaaaaaaava* mesmo. Era muito evidente, porque não ele podia cobri-lo. E o impedia de nadar na piscina. Para completar, às vezes o tubo interno entupia, sem motivo algum, e o Auggie começava a tossir, como se estivesse engasgando, como se não conseguisse respirar. Então a Isabel ou o Nate tinha que enfiar um tubinho pelo buraco, para aspirar o tubo interno e fazer com que o Auggie voltasse a respirar. Vi isso acontecer algumas vezes, e era muito assustador.

Lembro que eu estava feliz em ir visitar o Auggie depois da cirurgia. O hospital ficava no centro, e mamãe me surpreendeu parando na loja FAO Schwarz para que eu pudesse comprar um bom presente para o meu amigo (um conjunto de Lego do *Star Wars*) e uma lembrancinha para mim (um Ewok de pelúcia). Depois disso, mamãe e eu fomos almoçar no meu restaurante preferido, que faz os melhores cachorros-quentes e o melhor milk-shake de chocolate do planeta.

E aí, depois do almoço, fomos ao hospital.

— Chris, no hospital vai ter outras crianças passando por cirurgias faciais — disse mamãe, baixinho, ao cruzarmos as portas do hospital. — O Hudson, por exemplo. Aquele amigo do Auggie. Não se esqueça de não ficar encarando, ok?

— Eu nunca faria isso! — respondi. — Odeio quando as crianças encaram o Auggie, mamãe.

Lembro que no corredor, a caminho do quarto do Auggie, vi balões por toda parte, além de pôsteres de princesas da Disney e de super-heróis colados nas paredes. Achei muito legal. Parecia uma grande festa de aniversário.

Espiei dentro de alguns quartos quando passamos, e só então entendi o que mamãe tinha me dito. Aquelas crianças eram como o Auggie. Não que se parecessem com ele, embora algumas de fato fossem parecidas, mas todas tinham problemas faciais. Algumas estavam com ataduras no rosto. Uma garota, que espiei bem rápido, tinha um tumor enorme na bochecha, do tamanho de um limão.

Apertei a mão da mamãe e me lembrei de não encarar nenhum dos pacientes, então fiquei olhando para os meus pés enquanto seguíamos pelo corredor, agarrado ao meu Ewok de pelúcia.

Quando chegamos ao quarto do Auggie, fiquei feliz em ver que a Isabel e a Via já estavam lá. As duas foram até a porta quando nos viram e nos cumprimentaram com beijos.

Elas nos levaram até o Auggie, que estava na cama junto à janela. Ao entrarmos, tive a impressão de que a Isabel estava tentando me impedir de olhar para o garoto deitado no primeiro leito. Então dei

uma espiada rápida para trás depois que passamos. O menino, que devia ter apenas uns quatro anos, estava olhando para mim. Debaixo do nariz, onde deveria estar a parte de cima da boca, havia um enorme buraco vermelho, e, dentro do buraco, algo que parecia um pedaço de carne crua. Parecia que havia dentes presos na carne e pedaços de pele pendendo na borda do buraco. Desviei o olhar o mais rápido que pude.

O Auggie estava dormindo. Como ele parecia pequeno naquela cama grande do hospital! O pescoço estava enfaixado com gaze branca suja de sangue. Tinha alguns tubos saindo do braço dele, um entrando no nariz. Ele estava com a boca bem aberta, a língua para fora, sobre o queixo, meio amarelada e muito seca. Eu já tinha visto o Auggie dormindo antes, mas nunca daquele jeito.

Ouvi minha mãe e a Isabel falando em voz baixa sobre como tinha sido a cirurgia, o mesmo tom que usavam quando não queriam que eu ou o Auggie ouvíssemos alguma coisa. Elas mencionaram “complicações” e comentaram que tinha sido “tenso” por um tempo. Mamãe abraçou a Isabel. Parei de prestar atenção.

Olhei para o Auggie, torcendo para ele fechar a boca enquanto dormia.

A Via então se aproximou. Ela tinha uns dez anos na época.

— Foi legal você ter vindo visitar o Auggie — disse ela.

Fiz que sim.

— Ele vai morrer? — sussurrei.

— Não — sussurrou ela em resposta.

— Por que ele está sangrando? — perguntei.

— É onde operaram. Vai sarar.

Fiz que sim de novo.

— Por que a boca dele está aberta?

— Ele não consegue fechar.

— Qual é o problema daquele menino na outra cama?

— Ele é de Bangladesh. Tem lábio leporino e palato fendido. Ele veio para cá para ser operado. Não fala nada de inglês.

Pensei no grande buraco vermelho e vazio no rosto do garoto. Na pele cortada.

— Você está bem, Chris? — perguntou a Via, me cutucando com delicadeza. — Lisa! Lisa, acho que o Chris não está bem…

Foi então que o cachorro-quente e o milk-shake de chocolate meio que explodiram para fora de mim. Vomitei em mim mesmo, na caixa gigante de Lego que tinha levado para o Auggie e no chão, diante da cama.

— Ah, meu Deus! — gritou mamãe, e ficou olhando em volta à procura de toalhas de papel. — Ah, querido!

A Isabel encontrou uma toalha e começou a me limpar. Enquanto isso, minha mãe limpava o chão freneticamente com um jornal.

— Não, Lisa! Não se preocupe com isso — disse a Isabel. — Via, querida, vá chamar uma enfermeira e diga que precisamos de uma limpeza aqui. — Ela falou isso enquanto tirava pedaços de cachorro-quente do meu queixo.

Via, que parecia prestes a vomitar também, se virou calmamente e foi em direção à porta. Minutos

depois, apareceram duas enfermeiras com baldes e esfregões.

— Podemos ir para casa, mamãe? — lembro-me de ter dito, o gosto do vômito ainda fresco na boca.

— Sim, querido — respondeu ela, assumindo o lugar da Isabel e me limpando.

— Sinto muito, Lisa — falou a Isabel, molhando outra toalha na pia e começando a passá-la no meu rosto.

A essa altura eu estava suando muito, e me virei para sair antes mesmo de terminarem de me limpar. Então, sem querer, vi novamente o garotinho na cama, que ainda estava olhando para mim. Comecei a chorar quando notei o grande buraco vermelho acima da boca do menino.

Nesse momento, mamãe me arrastou para fora do quarto, ao mesmo tempo me abraçando. Quando alcançamos o corredor, ela meio que me carregou até o hall dos elevadores. Eu estava com o rosto enfiado no casaco dela, chorando histericamente.

A Isabel e a Via foram atrás de nós.

— Eu sinto muito… — disse a Isabel.

— Sinto muito, Isabel — falou mamãe. As duas meio que ficavam balbuciando desculpas uma para a outra ao mesmo tempo. — Por favor, diga ao Auggie que lamentamos não poder ficar.

— Claro — falou a Isabel, que então se ajoelhou na minha frente e começou a secar minhas lágrimas. — Você está bem, querido? Eu lamento por isso. Sei que é muita coisa para processar…

Balancei a cabeça.

— Não é o Auggie — tentei dizer.

De repente os olhos dela ficaram marejados, e ela sussurrou:

— Eu sei. — Então pôs as mãos em concha nas minhas bochechas, como se estivesse aninhando meu rosto. — É muita sorte do Auggie ter um amigo como você.

O elevador chegou. A Isabel nos abraçou e nós entramos.

A Via acenou para mim enquanto as portas se fechavam. Embora eu tivesse apenas seis anos na época, me lembro de sentir pena dela por não poder ir embora também.

Assim que saímos do prédio, mamãe me fez sentar num banco e me abraçou por um bom tempo. Não falou nada, ficou só me beijando várias vezes no topo da cabeça.

Quando enfim me acalmei, estendi o Ewok para ela.

— Você pode voltar e dar isso para ele?

— Ah, querido… É muito gentil da sua parte, mas a Isabel pode limpar a caixa do Lego. Vai ficar como nova para o Auggie, não se preocupe.

— Não. É para o outro menino — expliquei.

Ela me olhou por um segundo, como se não soubesse o que dizer.

— A Via disse que ele não fala nem uma palavra em inglês. Deve ser muito assustador para ele, ficar no hospital.

Ela assentiu devagar.

— Sim — murmurou. — Deve ser.

Ela fechou os olhos e me abraçou de novo. Então me levou até um segurança do hospital, que ficou comigo até ela pegar o elevador e, uns cinco minutos depois, descer outra vez.

— Ele gostou? — perguntei.

— Ah, querido — disse mamãe, baixinho, afastando do meu olho uma mecha de cabelo —, você fez

o dia dele.

19h04

No quarto do hospital, encontramos mamãe sentada numa cadeira de rodas, vendo TV. O gesso era mesmo enorme, começando na coxa e descendo até o tornozelo.

— Aí está o meu garoto! — disse ela, alegre, assim que me viu.

Mamãe estendeu os braços para mim e fui abraçá-la. Eu estava aliviado por ver que papai tinha dito a verdade: exceto pelo gesso e alguns arranhões no rosto, ela parecia bem. Estava vestida e pronta para ir embora.

— Como está se sentindo, Lisa? — perguntou papai, se abaixando para dar um beijo no rosto dela.

— Muito melhor — respondeu mamãe, desligando a TV e sorrindo para a gente. — Prontinha para ir para casa.

— Trouxemos isso para você — falei, entregando a ela o buquê de flores que tínhamos comprado na lojinha do hospital.

— Obrigada, querido! — disse ela, me dando um beijo. — São lindas!

Olhei para o gesso e perguntei:

— Está doendo?

— Não muito — respondeu ela, depressa.

— A mamãe é muito corajosa — disse papai.

— Eu sou é muito sortuda, isso sim — retrucou mamãe, batendo na lateral da cabeça.

— Somos todos muito sortudos — acrescentou papai, baixinho.

Ele estendeu o braço e apertou a mão da mamãe, com carinho.

Por alguns segundos, ninguém disse nada.

— Mas então, você precisa assinar algum documento da alta ou qualquer coisa assim? — perguntou papai.

— Está tudo resolvido — respondeu ela. — Estou pronta para ir.

Papai se posicionou atrás da cadeira de rodas.

— Espera! Posso empurrar? — pedi, já me colocando atrás da cadeira também.

— Ok, mas só depois que a gente sair do quarto — disse papai. — É um pouco difícil manobrar pela porta, por causa do gesso.

— Como foi seu dia, Chris? — perguntou mamãe, enquanto a empurrávamos pelo corredor.

Pensei em como meu dia tinha sido horrível. Todo ele, do início ao fim. Ciências, música, matemática, banda. O pior dia da minha vida.

— Normal — respondi.

— Como foi o ensaio? O Elijah tem sido mais legal? — perguntou ela.

— Tranquilo. — Dei de ombros.

— Desculpe por não ter levado as suas coisas — disse ela, acariciando meu braço. — Você deve ter ficado preocupado, imaginando o que tinha acontecido comigo!

— Achei que você tivesse ido a algum lugar — respondi.

— Ele achou que você estava na casa da Isabel — disse papai, rindo.

— Não pensei nada! — falei.

Nesse momento, mamãe estava se despedindo das enfermeiras, que acenavam para ela de volta, então não ouviu o que papai tinha dito.

— Você não me perguntou se a sua mãe tinha ido…? — começou ele, confuso.

— Enfim… — interrompi, me virando para ela. — O ensaio da banda foi bom. Vamos tocar "Seven Nation Army" no concerto de primavera, na quarta-feira. Você ainda vai poder ir?

— Claro que vou! — respondeu ela. — Mas vocês não iam tocar "The Final Countdown"?

— "Seven Nation Army" é uma ótima música — disse papai, e começou a cantarolar o *riff*, tocando uma guitarra imaginária, enquanto esperávamos o elevador.

Mamãe sorriu para ele.

— Eu me lembro de você tocando no Parlor.

— O que é o Parlor? — perguntei.

— Um pub no fim da rua em que ficava o nosso dormitório na faculdade — respondeu mamãe.

— Antes de você nascer, amiguinho — acrescentou papai.

As portas do elevador se abriram e nós entramos.

— Estou morrendo de fome — falei.

— Vocês ainda não jantaram? — perguntou mamãe, olhando para papai.

— Viemos direto da escola — explicou ele. — Quando é que íamos parar para jantar?

— Podemos passar num McDonald's a caminho de casa? — pedi.

— Por mim, tudo bem — concordou papai.

Chegamos ao térreo, e as portas do elevador se abriram.

— Posso empurrar a cadeira agora? — pedi.

— Pode — respondeu ele. — Vocês me esperam ali, ok? — Ele apontou para a saída mais distante, à esquerda. — Vou pegar o carro.

Ele saiu correndo até o estacionamento. Empurrei a cadeira de mamãe até onde ele havia indicado para esperarmos.

— Não acredito que ainda está chovendo — comentou mamãe, olhando pela janela.

— Aposto que dá para fazer uma manobra radical com essa cadeira! — falei.

— Ei, ei! Não! — gritou ela, apertando os braços da cadeira enquanto eu a inclinava para trás, erguendo-a em duas rodas. — Chris! Já tive emoção suficiente por hoje!

Baixei a cadeira.

— Desculpa, mãe. — Dei um tapinha na cabeça dela.

Mamãe esfregou os olhos com as palmas das mãos.

— Desculpa. É que foi um dia longo.

— Sabia que um dia em Plutão dura 153,3 horas? — perguntei.

— Não, não sabia.

Ficamos alguns minutos em silêncio.

— A propósito, você ligou para o Auggie? — perguntou ela, do nada.

— Mãe… — resmunguei, balançando a cabeça.

— Que foi? — questionou ela, tentando se virar na cadeira para olhar para mim. — Não estou entendendo, Chris. Você e o Auggie brigaram?

— Não! É que tem muita coisa acontecendo, só isso.

— Chris… — Ela suspirou, mas parecia cansada demais para continuar o assunto.

Comecei a murmurar “Seven Nation Army”.

Minutos depois, o carro vermelho parou em frente à saída do hospital. Papai saiu e foi correndo até nós, segurando um guarda-chuva aberto. Empurrei mamãe para fora. Papai entregou o guarda-chuva a ela e a empurrou pela rampa de acesso de cadeirantes até a porta do carona. O vento tinha ficado mais forte, fazendo o guarda-chuva virar do avesso após uma lufada violenta.

— Chris, entre! — ordenou papai.

Ele começou a levantar mamãe, pegando-a por baixo dos braços, para colocá-la no banco da frente.

— Até que é legal ser paparicada — brincou mamãe.

Mas notei que ela estava sentindo dor.

— Vale um fêmur fraturado? — disse papai, entrando na brincadeira. Ele já estava sem fôlego.

— O que é um fêmur? — perguntei, me instalando no banco traseiro.

— O osso da coxa — respondeu papai.

A essa altura ele estava encharcado, e agora tentava ajudar mamãe a prender o cinto de segurança.

— Parece nome de bicho — comentei. — Leões, tigres, fêmures.

Mamãe tentou rir da minha piada, mas não parecia estar se sentindo bem.

Papai correu até a traseira do carro e passou alguns minutos tentando descobrir como dobrar a cadeira de rodas para guardá-la na mala. Então foi até o banco do motorista, se sentou e bateu a porta. Ficamos todos em silêncio por um momento, o vento e a chuva uivando lá fora. Então papai deu a partida. Estávamos os três ensopados.

Após alguns minutos, perguntei:

— Mãe, quando você sofreu o acidente, hoje de manhã, tinha acabado de me deixar na escola? Ou estava voltando para deixar as minhas coisas?

Ela levou um segundo para responder:

— Na verdade, é tudo meio que um borrão, querido. — Ela esticou o braço para trás, para segurar minha mão. Apertei a dela com força.

— Chris, sua mãe está um pouco cansada — disse papai. — Acho que ela não quer falar sobre isso agora.

— Eu só queria saber.

— Chris, não é o momento. — Papai me lançou um olhar severo pelo retrovisor. — A única coisa que importa é que deu tudo certo e que a mamãe está sã e salva. Temos muito pelo que agradecer. O dia poderia ter acabado muito pior.

Levei um segundo para entender o que ele queria dizer. E, quando entendi, senti um arrepio na espinha.

FaceChat

No primeiro ano depois que nos mudamos para Bridgeport, nossos pais fizeram de tudo para que o Auggie e eu continuássemos nos encontrando, ao menos algumas vezes por mês — na nossa casa ou na dele. Dormi algumas noites na casa do Auggie, e ele tentou dormir na minha uma vez, mas não deu muito certo. O problema é que o percurso de carro entre Bridgeport e North River Heights leva muito tempo, então só nos víamos uma vez a cada dois meses, mais ou menos. Começamos a nos falar muito pelo FaceChat nessa época. Tipo, ao longo do terceiro ano, o Auggie e eu nos víamos pelo FaceChat praticamente todo dia. Era uma boa forma de acompanhar o crescimento das nossas tranças de Padawan, que tínhamos combinado de fazer pouco antes de eu me mudar. Às vezes nem falávamos nada, só deixávamos a tela ligada enquanto víamos juntos o mesmo programa de TV ou montávamos o mesmo conjunto de Lego. Às vezes, lançávamos charadas um para o outro. Por exemplo: o que é que tem pé, mas não tem perna? Ou o que é que um homem pobre tem, um homem rico deseja e você morreria se comesse? Esse tipo de coisa era capaz de nos distrair por horas a fio.

Então, no quarto ano, passamos a nos falar menos pelo FaceChat. Não foi proposital nem nada, só comecei a ter mais coisas para fazer na escola. Além dos trabalhos e deveres de casa, havia também muitas atividades extracurriculares. Futebol algumas vezes na semana; tênis; robótica no segundo semestre. Eu tinha a sensação de que toda hora perdia as chamadas do Auggie no FaceChat, então decidimos marcar de nos falarmos nas quartas-feiras e nos sábados, antes do jantar.

Deu certo, embora, no fim, tenham restado apenas as noites de quarta-feira, porque eu ficava muito atarefado aos sábados. Foi em algum momento no fim do quarto ano que contei ao Auggie que precisei cortar minha trança de Padawan. Ele não disse nada, mas acho que ficou magoado.

Então este ano ele passou a ir à escola também.

Eu não conseguia imaginar o Auggie frequentando uma escola, como seria a experiência para ele. Quer dizer, se já é bem difícil ser o aluno novo, imagina ser o aluno novo tendo o rosto do Auggie! Aquilo era loucura. E ele não estava só começando na escola, estava começando a escola no *meio* do ensino fundamental! Loucura! Temos que reconhecer a coragem do Auggie — não deve ter sido fácil.

A única vez que nos falamos pelo FaceChat em setembro foi alguns dias após o início das aulas, mas o Auggie não parecia muito a fim de conversar. Notei que ele também tinha cortado a trança de Padawan, mas não comentei nada. Imaginei que tivesse sido pelo mesmo motivo que cortei a minha. Sabe como é: alerta nerd.

Eu estava curioso para ir à festa do Auggie no boliche, algumas semanas antes do Halloween. Conheci os novos amigos dele, que achei bem legais. Tinha aquele garoto chamado Jack Will, que era muito engraçado. Mas acho que depois aconteceu alguma coisa entre os dois, porque algumas semanas depois, quando nos falamos pelo FaceChat, o Auggie me disse que eles não eram mais amigos.

A última vez que falei com o Auggie pelo FaceChat foi logo antes de terminarem o recesso de inverno. Eu estava em casa com os meus amigos Jake e Tyler, *Age of War II* no meu laptop, quando a chamada do Auggie apareceu na tela.

— Pessoal — falei, virando a tela para mim —, tenho que atender.

— Podemos jogar no Xbox? — pediu Jake.

— Claro — falei, apontando para os controles extras.

Então meio que virei de costas para eles, porque não queria que vissem o rosto do Auggie. Cliquei em “aceitar chamada”, e, alguns segundos depois, o Auggie apareceu na tela.

— Oi, Chris — disse ele.

— E aí, Auggie?

— Faz um tempão que a gente não conversa.

— Pois é.

Então ele começou a falar sobre outra coisa. Alguma espécie de guerra na escola dele, talvez? Ou sobre o Jack Will? Eu não estava acompanhando o que ele dizia, completamente distraído pelo Jake e o Tyler, que tinham começado a cutucar um ao outro, de boca aberta, meio rindo, no momento em que o Auggie aparecera na tela.

Eu sabia que eles tinham visto o rosto do Auggie. Fui para o outro lado do quarto com o laptop.

— Aham — murmurei pelo FaceChat, tentando ouvir as coisas que o Jake e o Tyler estavam sussurrando entre si.

Mas o que ouvi foram fragmentos: “Você viu aquilo?”, “Era uma máscara?”, “… um incêndio?”.

— Tem alguém aí com você? — perguntou o Auggie.

Acho que ele deve ter notado que eu não estava prestando muita atenção nele.

Eu me virei para os meus amigos e falei:

— Ei, pessoal! Shhh!

Os dois caíram na gargalhada. Era óbvio que estavam tentando olhar melhor para a tela do meu laptop.

— São só alguns amigos — murmurei depressa, indo para outro canto do quarto.

— Oi, amigo do Chris! — disse o Jake, me seguindo.

— Podemos conhecer o seu amigo? — perguntou o Tyler, bem alto, para que o Auggie ouvisse.

— Não! — respondi.

— Tudo bem! — disse o Auggie, na tela.

O Jake e o Tyler imediatamente correram cada um para um lado, de modo que nós três ficamos encarando a tela e vendo o rosto do Auggie.

— Oi! — disse o Auggie.

Eu sabia que ele estava sorrindo, mas, às vezes, as pessoas que não o conheciam tinham dificuldade de reconhecer o sorriso dele.

— Oi — responderam o Jake e o Tyler, baixinho.

Notei que eles não estavam mais rindo.

— Então, estes são os meus amigos Jake e Tyler — falei para o Auggie, apontando para eles com o polegar. — E esse é o Auggie. Do meu antigo bairro.

— Oi — repetiu o Auggie, acenando.

— Oi — responderam o Jake e o Tyler, sem olhar diretamente para ele.

— Então… Bom, e aí? — perguntou o Auggie, meio constrangido. — O que vocês estão fazendo?

— Estávamos justamente ligando o Xbox — respondi.

— Ah, legal! — disse o Auggie. — Que jogo?

— *House of Asterion.*
— Maneiro. Em que nível vocês estão?
— Hum, não lembro — falei, coçando a cabeça. — Segundo labirinto, eu acho.
— Ah, esse é difícil — respondeu o Auggie. — Eu quase desbloqueei o Tártaro.
— Maneiro.
Pelo canto do olho, notei que o Jake estava cutucando o Tyler pelas minhas costas.
— É, bem — falei —, acho que vamos começar a jogar agora.
— Ah! Claro — disse o Auggie. — Boa sorte com o segundo labirinto!
— Ok. Tchau. Espero que a coisa da guerra termine bem.
— Valeu. Prazer em conhecer vocês, pessoal — acrescentou o Auggie, educadamente.
— Tchau, Auggie! — disse o Jake, com um sorriso forçado.
O Tyler começou a rir, então dei uma cotovelada nele, fora da tela.
— Tchau — respondeu o Auggie, mas vi que ele tinha notado os outros rindo. O Auggie sempre percebia coisas assim, embora fingisse que não.
Desliguei. Na mesma hora, o Jake e o Tyler começaram a gargalhar.
— O que foi? — perguntei a eles, irritado.
— Ah, cara! — falou o Jake. — Qual o problema desse garoto?
— Nunca vi nada tão feio na vida — disse o Tyler.
— Ei! — exclamei, na defensiva. — Qual é?!
— A casa dele pegou fogo? — perguntou o Jake.
— Não. Ele nasceu assim — expliquei. — Ele não tem culpa de ter esse rosto. É uma doença.
— Espera aí: é contagiosa? — perguntou o Tyler, fingindo medo.
— Fala sério, cara — respondi, balançando a cabeça.
— E você é amigo dele? — perguntou o Tyler, olhando para mim como se eu fosse um marciano e forçando um sorriso. — Você só pode estar brincando!
— Qual o problema? — Olhei para ele muito sério.
Ele arregalou os olhos e deu de ombros.
— Nada. Só estava comentando.
Eu o vi trocando olhares com o Jake, que repuxou os lábios em desprezo. Houve um silêncio constrangedor.
— Vamos jogar ou não? — perguntei, depois de alguns segundos.
Peguei um dos controles.
Começamos a jogar, mas não foi muito bom. Eu estava de mau humor, e eles continuaram agindo como idiotas. Foi irritante.
Depois que eles foram embora, comecei a pensar no Zack e no Alex, que tinham descartado o Auggie tantos anos antes.
Mesmo depois de tanto tempo, às vezes ainda era difícil ser amigo do Auggie.

20h22

Assim que papai entrou em casa com mamãe, ainda na cadeira de rodas, eu me joguei no sofá em frente à TV com meu McLanche Feliz pela metade. Liguei o aparelho com o controle remoto.

— Ei — começou papai, sacudindo o guarda-chuva. — Achei que você tivesse dever de casa.

— Só quero ver o final de *Amazing Race* enquanto eu como — respondi. — Vou fazer o dever quando acabar.

— Tudo bem se ele fizer isso? — perguntou ele à mamãe.

— Já está quase acabando mesmo, mãe! Por favor.

— Desde que você comece o dever assim que o programa terminar — respondeu ela, mas eu sabia que mamãe não estava prestando muita atenção. Estava olhando para a escada, balançando a cabeça devagar. — Como vou subir, Angus? — A voz dela transmitia um grande cansaço.

— É para isso que estou aqui — respondeu ele.

Papai virou a cadeira de rodas para si, passou um braço por baixo de mamãe, o outro pelas costas e a ergueu da cadeira. Mamãe deu um gritinho alegre.

— Uau, pai, como você é forte! — falei, enfiando uma batata frita na boca enquanto olhava para eles. — Vocês deviam participar do *Amazing Race.* Sempre tem casais divorciados.

Papai começou a subir a escada com mamãe no colo. Os dois riam, esbarrando no corrimão e nas paredes. Foi legal vê-los assim. Da última vez que tínhamos estado todos juntos, eles não paravam de gritar um com o outro.

Assisti ao restante do programa. Quando o apresentador, Phil, estava dizendo ao último casal a chegar ao pit stop que eles tinham sido eliminados, meu telefone apitou.

Era uma mensagem do Elijah.

E aí chris. decidimos sair da banda da escola e formar a nossa própria banda. vamos tocar 7NationArmy na quarta.

Reli a mensagem. Eu estava literalmente de boca aberta. Sair da banda? Eles podiam fazer isso? O John ia ficar louco quando ninguém aparecesse no ensaio do dia seguinte. E o que seria da banda da escola? Só o John e eu tocando "The Final Countdown"? Que desastre!

Então chegou outra mensagem:

quer entrar pra nossa banda? queremos que VOCÊ entre. mas NÃO queremos o john. ele é muito ruim. vamos ensaiar na minha casa amanhã depois da escola. leva sua guitarra.

Papai desceu.

— Hora do dever de casa, Chris — falou, baixinho. Então ele reparou na minha cara. — O que houve?

— Nada — falei, deixando o telefone de lado. Eu estava meio que em choque. Eles me queriam na banda? — Acabei de lembrar que preciso ensaiar para o concerto de primavera.

— Ok, mas tem que ser baixinho — respondeu papai. — Sua mãe dormiu, e temos que deixá-la descansar, ok? Não faça muito barulho subindo as escadas. Se precisar de alguma coisa, vou estar no quarto de hóspedes.

— Espera. Você vai passar a noite aqui?

— Vou ficar alguns dias — respondeu ele. — Até sua mãe poder se virar sozinha.

Ele voltou a subir, levando as muletas que tinham emprestado à mamãe no hospital.

— Você pode imprimir os acordes de “Seven Nation Army” para mim? — pedi. — Tenho que aprender até amanhã.

— Claro — disse ele, do alto da escada. — Mas não esqueça: não pode tocar alto.

North River Heights

Nossa casa nova é muito maior que a antiga. Na verdade, a casa antiga era um apartamento em um prédio bem pequeno, e morávamos no primeiro andar. Tínhamos apenas um banheiro e um quintal minúsculo, mas eu adorava. Adorava nosso quarteirão. Sinto falta de poder ir a qualquer lugar a pé. Sinto falta até das árvores de ginkgo biloba. Para quem não conhece, são aquelas árvores que soltam uns caroços pequenos e moles que, quando a gente esmaga com o pé, soltam um cheiro de cocô de cachorro misturado com xixi de gato e algum lixo tóxico. O Auggie dizia que era cheiro de vômito de orc. Eu sempre ria disso. Enfim, eu sentia falta de tudo do nosso antigo bairro, até das árvores de ginkgo biloba.

Em North River Heights, mamãe tinha uma pequena floricultura na Amesfort Avenue, chamada A Terra Sorri com Flores. Ela trabalhava muito mesmo, e foi por isso que eles contrataram a Lourdes para tomar conta de mim. Eu sentia falta dela também. Das empanadas que ela fazia. De ouvi-la me chamando de *papi*. Mas em Bridgeport não precisávamos mais da Lourdes, porque mamãe vendeu a floricultura e passou a trabalhar só meio período. Agora ela me busca na escola de segunda a quarta. Às quintas, ela me busca na casa do John à noite e me deixa na casa do papai, onde fico até domingo.

Em North River Heights, papai chegava em casa geralmente às sete da noite, mas agora ele só consegue chegar depois das nove, por causa do percurso bem maior até a cidade. O plano inicial era que fosse uma mudança temporária, porque ele seria transferido para o escritório de Connecticut, mas já faz três anos que estamos aqui em Bridgeport e ele continua trabalhando em Manhattan. Ele e mamãe discutiam muito por isso.

Às sextas, papai sai cedo do trabalho para me buscar na escola. Normalmente pedimos comida chinesa para o jantar, tocamos um pouco de guitarra e assistimos a um filme. Mamãe fica zangada porque papai não me obriga a fazer o dever de casa no fim de semana, quando estou com ele, então no domingo à noite, quando volto para casa, fico sempre meio mal-humorado, tentando fazer o dever com ela. No último fim de semana, por exemplo, eu deveria ter estudado para a prova de matemática, mas fui jogar boliche com papai e simplesmente me esqueci de estudar. Mandei mal.

Acabei me acostumando com a casa nova em Bridgeport. Com meus novos amigos. Com o Luke (o hamster que não é cachorro). Mas, acima de tudo, sinto falta de como meus pais pareciam unidos.

Papai saiu de casa no último verão. Eles vinham brigando muito, mas não sei por que ele foi embora no verão. Só sei que um dia, do nada, eles me disseram que iam se separar. Precisavam de "um tempo afastados", para descobrir se ainda queriam viver juntos. Disseram que a decisão não tinha nada a ver comigo e que os dois "continuariam me amando" e me vendo tanto quanto antes. Falaram que ainda se amavam muito, mas que às vezes os casamentos são como amizades, que passam por testes e exigem que o casal supere desafios.

"Boas amizades valem um esforcinho a mais", eu me lembro de ter dito a eles.

Acho que mamãe nem lembrava que foi ela que me disse isso uma vez.

21h56

Fiquei ouvindo "Seven Nation Army" enquanto fazia o dever de casa. E tentando não pensar muito em como o John reagiria no dia seguinte, quando eu contasse a ele que ia entrar para a banda do pessoal. Quer dizer, acho que, no fundo, eu não tinha escolha. Se continuasse na banda da escola, seríamos só ele e eu tocando "The Final Countdown" no concerto de primavera, com o Sr. B na bateria, e pareceríamos os maiores fracassados do mundo. Não éramos bons o bastante para tocar sozinhos. Eu só pensava no Harry tentando conter o riso enquanto o John tocava o solo de guitarra. Se fôssemos só nós dois no palco, seria *toda* a plateia se controlando para não rir.

Eu só não conseguia imaginar o que o John faria quando soubesse. Qualquer pessoa normal simplesmente desistiria de tocar no concerto. Mas, conhecendo o John, eu podia apostar que ele iria em frente. Ele não se importava em fazer papel de bobo. Eu já até via a cena: ele se esgoelando no microfone, desafinando na guitarra, o Sr. Bowles atrás no teclado. *Senhoras e senhores, a banda de rock da escola!* Só de pensar me encolhi de vergonha. Esse episódio o assombraria para sempre.

Estava difícil me concentrar no dever de casa, então levei muito mais tempo para acabar do que havia imaginado. Eram quase dez horas e eu nem tinha começado a estudar para a prova de matemática. Foi quando lembrei que estava completamente ferrado na matéria. Tinha deixado para estudar na última hora e não estava entendendo nada.

Papai estava na cama, trabalhando no laptop, quando abri a porta do quarto de hóspedes, levando comigo o livro de matemática ridiculamente pesado.

— Ei, pai.

— Ainda não foi dormir? — perguntou ele, olhando para mim por cima dos óculos de leitura.

— Preciso de ajuda para estudar para a prova de matemática de amanhã.

Ele deu uma olhada no relógio que fica na mesinha de cabeceira.

— É meio tarde para descobrir isso, não?

— Eu tinha muito dever de casa para fazer — respondi. — E tenho que aprender a música nova para tocar no concerto de primavera, que é depois de amanhã. Tem tanta coisa acontecendo, pai!

Ele assentiu. Então pôs o laptop de lado e deu um tapinha na cama para que eu me sentasse ao seu lado. Obedeci. Abri o livro na página 151.

— Então. Estou com dificuldade nos problemas.

— Ah, eu sou bom em problemas! — respondeu papai, sorrindo. — Deixa comigo.

Comecei a ler:

— Jill quer comprar mel na feira. Um vendedor está oferecendo uma garrafa de 750 ml por 3,12 dólares. Outro está vendendo a garrafa de 450 ml por 2,40 dólares. Qual é o melhor negócio e quanto Jill vai economizar por mililitro?

Coloquei o livro de lado e olhei para papai, que me encarava sem expressão.

— Ok. Hum… — começou ele, coçando a orelha. — Então são 750 ml por… por quanto mesmo? Vou precisar de um pedaço de papel. Pode me passar aquele caderno ali?

Estiquei a mão e peguei o caderno. Papai começou a rabiscar; depois, pediu que eu repetisse o

enunciado do problema e continuou rabiscando.

— Ok, ok, então… — falou, virando o caderno para que eu visse os números que ele tinha rabiscado. — Você primeiro divide os números para saber qual é o valor por mililitro, depois você…

— Espera, espera — falei, balançando a cabeça. — Essa é a parte que eu não entendo. Como vou saber que tem que dividir? Como vou saber o que precisa fazer? Como você sabe?

Ele baixou os olhos para os rabiscos no caderno outra vez, como se a resposta estivesse ali.

— Posso ler? — pediu ele, ajeitando os óculos de leitura no nariz e olhando para o trecho do livro que eu estava indicando. — Ok. Bem, você sabe que tem que dividir porque… hum… bem, você quer saber o preço por mililitro… porque é o que diz bem aqui.

Olhei rapidamente para o trecho que ele estava indicando, mas balancei a cabeça.

— Não entendi.

— Bem, veja, Chris. Bem aqui. Está perguntando qual é o preço por mililitro.

Balancei a cabeça de novo.

— Não estou entendendo! — falei, quase gritando. — Que raiva! Eu sou muito ruim em matemática.

— Calma, Chris — respondeu ele, tranquilamente. — Você só precisa respirar fundo e…

— Não! Você não entende. Nada disso faz sentido para mim!

— E é por isso que eu estou tentando explicar.

— Posso pedir ajuda para a mamãe?

Ele tirou os óculos e esfregou os olhos com o pulso.

— Chris, ela está dormindo. Temos que deixá-la descansar hoje. Podemos resolver isso sozinhos, tenho certeza.

Comecei a esfregar os olhos com os nós dos dedos. Papai puxou minha mão com delicadeza.

— Por que você não liga para um dos seus colegas? Que tal o John?

— Ele é do quarto ano! — falei, impaciente.

— Hum. Bem, então outra pessoa.

— Não! — Balancei a cabeça. — Não tem ninguém que possa me ajudar. Não tenho nenhum amigo esse ano. Quer dizer, meus amigos de verdade não estão na mesma turma que eu. E eu não me dou muito bem com o pessoal da minha turma.

— Então ligue para seus outros amigos, Chris — sugeriu ele, pegando o celular. — Que tal o Elijah e os garotos da banda? Tenho certeza de que todos já fizeram essa aula.

— Não! Pai! Droga! — Cobri o rosto com as mãos. — Vou me dar muito mal nessa prova. Não entendo nada. Simplesmente não entendo.

— Ok, fique calmo. E o Auggie? Ele é um gênio da matemática, não é?

— Deixa pra lá! — falei, balançando a cabeça. Peguei o livro de volta. — Vou dar um jeito.

— Christopher…

— Tudo bem, pai — falei, me levantando. — Vou dar um jeito. Ou mandar uma mensagem para alguém. Tudo bem.

— Simples assim?

— Está tudo bem. Obrigado, pai.

Fechei o livro e me levantei.

— Lamento não ter conseguido ajudar — disse papai, e, por um segundo, tive pena dele. Parecia meio derrotado. — Quer dizer, acho que podemos resolver isso juntos se você me der mais uma chance.

— Não, tudo bem — respondi, saindo do quarto.

— Boa noite, Chris.

— Boa noite, pai.

Fui para o meu quarto, sentei à escrivaninha e abri o livro na página 151 outra vez. Tentei reler o problema, mas minha cabeça teimava em repetir a letra de "Seven Nation Army". Que também não fazia sentido para mim.

Por mais que eu relesse o problema, não conseguia descobrir por onde começar.

Plutão

Algumas semanas antes de irmos morar em Bridgeport, os pais do Auggie foram à nossa casa ajudar meus pais a empacotar as coisas para a grande mudança. Todo o nosso apartamento estava encaixotado.

O Auggie e eu estávamos fazendo uma guerra de armas de espuma na sala. As caixas eram alienígenas hostis de Plutão. De vez em quando, uma das balas de espuma atingia a Via, que estava tentando ler no sofá. Ok, talvez a gente estivesse fazendo um pouquinho de propósito, hihihi.

— Parem com isso! — gritou ela, finalmente, quando eu acertei o livro dela. — Mãe!

Mas a Isabel e o Nate estavam lá longe na cozinha, com os meus pais, fazendo um lanche rápido.

— Vocês podem parar, por favor? — pediu a Via, séria.

Assenti, mas o Auggie atirou de novo no livro dela.

— É um tiro de pum — disse ele.

E nós dois caímos na gargalhada.

A Via ficou uma fera.

— Vocês são tão nerds — comentou ela, balançando a cabeça. — *Star Wars*.

— Não é *Star Wars*. É Plutão! — respondeu o Auggie, apontando a arma para ela.

— Plutão nem é um planeta de verdade — disse ela, abrindo o livro para voltar a ler.

O Auggie lançou outro tiro nela.

— Do que você está falando? É, sim.

— Para com isso, Auggie, ou eu juro que vou…

O Auggie baixou a arma.

— É, sim — repetiu ele.

— Não é, não — insistiu a Via. — *Era* um planeta. Não acredito que vocês, dois minigênios, não sabem disso depois de verem tantos vídeos sobre o espaço!

O Auggie não respondeu imediatamente, como se estivesse processando o que ela havia acabado de falar.

— Mas "Minha Vó Tem Muitas Joias, Só Usa No Pescoço"! É assim que as pessoas decoram a ordem e os nomes dos planetas no Sistema Solar. Foi como a mamãe ensinou.

— Minha Vó Tem Muitas Joias, Só Usa Nada! — respondeu a Via. — Aqui, vou provar para vocês.

Ela começou a pesquisar no celular.

Pode ser que essa informação tenha cruzado nosso caminho em algum momento, em todos os livros de ciências e em todos os vídeos que vimos, mas acho que nunca entendemos de verdade o que significava. Ainda éramos pequenos quando estávamos em nossa fase espacial. Mal sabíamos ler.

A Via começou a ler em voz alta o que tinha encontrado no celular:

— Da Wikipédia: "O entendimento de que Plutão é apenas um de vários grandes corpos congelados nas margens do Sistema Solar fez com que a União Astronômica Internacional (IAU) definisse formalmente o que é 'planeta' em 2006. Essa definição excluiu Plutão e o reclassificou, colocando-o na nova categoria 'planeta-anão' (especificamente como um plutoide)." Preciso continuar? Basicamente, isso significa que Plutão foi considerado pequeno demais para ser um planeta de verdade. Então pronto.

Estou certa.

O Auggie parecia muito chateado.

— Mamãe! — gritou ele.

— Não é nada de mais, Auggie — disse a Via, vendo que ele estava ficando muito irritado.

— É, sim! — retrucou ele, disparando pelo corredor.

A Via e eu o seguimos até a cozinha, onde nossos pais estavam sentados à mesa, comendo bagels com cream cheese.

— Você disse que era "Minha Vó Tem muitas Joias, Só Usa No Pescoço"! — disse ele, disparando para cima da Isabel.

Ela quase derramou o café.

— O que…?

— Por que você está dando tanta importância a isso, Auggie? — interrompeu a Via.

— O que está havendo, crianças? — perguntou a Isabel, olhando do Auggie para a Via.

— Porque *é* importante! — gritou o Auggie, a plenos pulmões.

Aquele grito foi tão alto e inesperado que todo mundo na cozinha apenas ficou se entreolhando.

— Calma, rapaz — disse o Nate, botando a mão no ombro do filho.

Mas o Auggie se esquivou.

— Você me disse que Plutão era um dos nove planetas! — gritou para a mãe. — Disse que era o menor planeta do Sistema Solar.

— E é, querido — respondeu a Isabel, tentando fazê-lo se acalmar.

— Não é não, mãe — disse a Via. — Eles mudaram o status de Plutão em 2006. Não é mais considerado um dos noves planetas do Sistema Solar.

A Isabel olhou para a filha, depois para o marido.

— Sério?

— Eu sabia — respondeu o Nate, muito sério. — Fizeram a mesma coisa com o Pluto e o Pateta.

Todos os adultos riram.

— Pai, não tem graça! — berrou o Auggie.

Então, do nada, ele começou a chorar. Lágrimas grossas. De soluçar.

Ninguém entendeu o que estava acontecendo. A Isabel abraçou o Auggie, que soluçava com a cabeça enfiada no pescoço dela.

— Auggie — disse o Nate, acariciando as costas dele. — O que está acontecendo, rapazinho?

— Via, o que você fez? — perguntou a Isabel, severa.

— Não tenho a menor ideia! — falou a Via, arregalando os olhos. — Eu não fiz nada!

— Tem que ter acontecido alguma coisa! — insistiu a Isabel.

— Chris, você sabe por que o Auggie está tão chateado? — perguntou mamãe.

— Por causa de Plutão — respondi.

— Mas o que tem isso? — insistiu ela.

Dei de ombros. Eu entendia por que ele estava chateado, mas não conseguia explicar.

— Você disse… que era… um planeta… — falou o Auggie, entre os soluços.

Mesmo em circunstâncias normais, às vezes era difícil entendê-lo. No meio de uma crise de choro, era ainda pior.

— O quê, meu amor? — sussurrou a Isabel.

— Você disse… que era… um planeta — repetiu ele, olhando para a mãe.

— Achei que fosse, Auggie — respondeu ela, secando as lágrimas dele com os dedos. — Eu não sabia, querido. Não sou professora de ciências. Quando eu era criança, havia nove planetas. Nunca imaginei que isso pudesse mudar.

Nate se ajoelhou ao lado dele.

— Mas, mesmo que não seja mais considerado um planeta, Auggie, não entendo por que isso deixou você assim.

O Auggie baixou os olhos. Mas eu sabia que não havia como explicar suas lágrimas plutonianas.

22h28

Por volta de dez e meia, eu estava ficando desesperado por causa da prova de matemática. Tinha mandado uma mensagem de texto para o Jake, que era da minha turma, e para alguns outros colegas, pelo Facebook. Quando meu celular tocou, achei que fosse um deles, mas não: era o Auggie.

Oi, Chris. Acabei de saber que sua mãe esteve no hospital. Sinto muito, espero que ela esteja bem.

Não acreditei que ele estava me escrevendo bem na hora em que eu estava pensando nele. Meio psíquico.

Respondi:

Oi, Aug. Vlw. Ela tá bem. Quebrou o fêmur. Tá com um gesso enorme.

Ele me enviou uma carinha triste.

Escrevi: *Meu pai teve que carregar ela no colo pro quarto! Ficaram batendo nas paredes.*

Ha ha, enviou ele, junto com uma carinha rindo.

Mandei: *Eu ia ligar pra vc hj. Pra dizer que sinto mto pela Daisy. :(((((*

Ah, é. Vlw. Ele enviou uma série de carinhas chorando.

Ei, lembra das Aventuras Intergalácticas de Darth Daisy?, escrevi.

Era uma tirinha que desenhávamos juntos antigamente, sobre dois astronautas chamados Gleebo e Tom, que viviam em Plutão e tinham uma cadela chamada Darth Daisy.

Ha ha. Lembro! Major Gleebo.

Major Tom.

Era mto mto legal, escreveu ele.

A Daisy era a cachorrinha MAIS LEGAL DO UNIVERSO!, digitei em maiúsculas. Eu estava sorrindo.

Ele me enviou uma foto dela. Fazia muito tempo que eu não a via. Na foto, a cara dela estava completamente branca, os olhos meio embaçados. Mas o focinho continuava rosado e a língua ainda era bem comprida, caindo para fora da boca.

Tão fofa! Daisy!!!!!!!, escrevi.

DARTH Daisy!!!!!!!!!!!!!!!

Ha ha. Toma essa, Via!

Lembra daqueles tiros de pum?

Hahahahahaha. A essa altura eu estava rindo sozinho. Foi a parte mais alegre do meu dia, para ser sincero. *Quando ainda éramos obcecados por Plutão.*

A gente já gostava de Star Wars?

Começando. Vc ainda tem as miniaturas?

Tenho, mas tive que me desfazer de algumas. Então, Gleebo, minha mãe tá dizendo que tenho que ir dormir agora. Que bom que a sua mãe tá bem.

Naquele momento, não havia a menor chance de pedir a ele para me ajudar com matemática. Não tinha o menor clima. Sentei na beira da cama e comecei a responder à mensagem.

Antes que eu terminasse, ele escreveu: *Na verdade, minha mãe quer falar com você. Pelo FaceChat. Tá livre?*

Eu me levantei. *Claro.*

Dois segundos depois, recebi uma chamada. Vi a Isabel na tela do celular.

— Oi, Isabel — falei.

— Oi, Chris! — Dava para ver que ela estava na cozinha. — Como vai? Falei com a sua mãe hoje mais cedo. Queria ter certeza de que vocês tinham chegado bem em casa.

— Sim, está tudo bem.

— E como ela está? Não queria acordá-la se estivesse dormindo.

— Sim, está dormindo.

— Ah, que bom. Ela precisa descansar. É um gesso enorme!

— Papai vai passar a noite aqui.

— Ah, que ótimo! — respondeu ela, alegre. — Fico muito feliz. E como você está, Chris?

— Bem.

— E a escola?

— Vai bem.

Ela sorriu.

— A Lisa me contou que você deu flores lindas para ela hoje.

— É — respondi, sorrindo e assentindo.

— Legal. Bom, só queria ver se vocês estavam bem e dar um oi, Chris. Quero que saiba que estamos pensando em vocês, e se pudermos fazer alguma coisa…

— Sinto muito pela Daisy — falei, meio do nada.

A Isabel assentiu.

— Ah. Obrigada, Chris.

— Vocês devem estar muito tristes.

— Sim, é triste. Ela era uma presença e tanto na nossa casa. Ah, você sabe, estava aqui quando ela chegou. Lembra?

— Ela era tão magra! — falei.

Eu estava sorrindo, mas de repente, do nada, minha voz ficou um pouco trêmula.

— Com aquela língua enorme! — A Isabel riu.

Senti um nó na garganta, como se eu fosse começar a chorar.

A Isabel ficou me olhando.

— Ah, querido, está tudo bem — disse ela, baixinho.

A mãe do Auggie sempre foi como uma segunda mãe para mim. Quer dizer, fora a minha família, e talvez a minha avó, Isabel Pullman me conhecia melhor do que ninguém.

— Eu sei — sussurrei. Eu ainda sorria, mas meu queixo estava tremendo.

— Querido, onde está seu pai? Pode passar o telefone para ele?

Dei de ombros.

— Acho… que ele já deve estar dormindo.

— Tenho certeza de que ele não se importaria se você o acordasse — disse ela, com a voz suave. — Vá chamá-lo, por favor. Eu espero.

O Auggie enfiou a cabeça na frente da mãe para aparecer na tela.

— O que foi, Chris? — perguntou ele.

Balancei a cabeça, lutando contra as lágrimas. Eu não conseguia falar. Sabia que, se abrisse a boca, ia começar a chorar.

— Christopher — disse a Isabel, se aproximando da tela —, sua mãe vai ficar bem, querido.

— Eu sei — respondi, a voz falhando, mas então as palavras saíram: — Mas ela estava no carro por minha causa! Porque eu esqueci o trombone. Se eu não tivesse esquecido as minhas coisas, ela não teria sofrido um acidente! A culpa é minha, Isabel! Ela podia ter morrido!

Tudo isso irrompeu de dentro mim numa terrível série de explosões chorosas.

22h52

A Isabel deixou o Auggie no telefone enquanto ligava para o celular do meu pai, para avisar que eu estava chorando histericamente no meu quarto. Um minuto depois, papai entrou, e eu me despedi do Auggie. Papai me abraçou apertado.

— Chris…

— Foi minha culpa, pai! Foi minha culpa ela estar dirigindo.

Ele me soltou e ficou cara a cara comigo.

— Olhe para mim, Chris — disse. — Não foi culpa sua.

— Ela estava voltando para a escola com as minhas coisas. — Funguei. — Eu falei para ela correr. Devia estar acima do limite de velocidade.

— Não, não estava, Chris. Juro para você. O que aconteceu hoje foi só um acidente. Não é culpa de ninguém. Foi uma fatalidade. Entendeu?

Desviei o olhar.

— Entendeu? — insistiu ele.

Fiz que sim com a cabeça.

— E o mais importante de tudo é que ninguém sofreu nada grave. Sua mãe está bem, ok?

Ele secava minhas lágrimas enquanto eu assentia.

— Fiquei chamando a mamãe de Lisa — falei. — Ela detesta quando eu faço isso. A última coisa que ela disse para mim foi "Te amo!" e eu respondi "Tchau, Lisa". E nem me virei para ela!

Papai pigarreou.

— Chris, por favor, não se martirize — falou, devagar. — Sua mãe sabe que você a ama muito. Escuta, o que aconteceu hoje foi assustador. É normal que você esteja chateado. Quando algo assustador assim acontece, funciona como um alerta, sabia? Faz a gente repensar o que é importante na vida. Nossa família. Nossos amigos. As pessoas que amamos. — Ele olhava para mim enquanto falava, mas eu quase sentia que estava falando para si mesmo. Seus olhos estavam marejados. — Vamos apenas agradecer por ela estar bem, certo, Chris? E vamos tomar conta dela direitinho, ok?

Assenti. Mas não tentei dizer nada. Eu sabia que só derramaria mais lágrimas.

Papai me puxou para perto, mas também não disse nada. Talvez pelo mesmo motivo.

22h59

Depois de me acalmar um pouco, papai ligou para a Isabel, para dizer que estava tudo bem. Eles conversaram, depois papai passou o telefone para mim.

Era o Auggie.

— Ei, seu pai disse para a minha mãe que você está precisando de ajuda em matemática.

— Ah, é — respondi, tímido, assoando o nariz. — Mas está tão tarde… Você não tem que ir dormir?

— Mamãe falou que eu posso ajudar você. Vamos nos falar pelo FaceChat?

Dois segundos depois, ele estava na tela.

— Então, estou com dificuldade com os problemas — falei, abrindo o livro. — Eu … Eu não entendo como vou saber qual operação usar. Quando multiplicar ou dividir. É tão confuso!

— Ah, isso. É, eu também tinha muita dificuldade com isso. Você já decorou as palavras-chave? Isso me ajudou bastante.

Eu não tinha ideia do que era aquilo.

— Vou mandar um PDF para você — disse ele.

Dois segundos depois, imprimi o PDF que ele tinha mandado. Era uma lista de um monte de termos matemáticos.

— Se você souber quais palavras-chave procurar nos problemas — explicou o Auggie —, vai saber qual operação usar. Por exemplo, palavras como “por”, “cada” ou “igualmente” indicam que você tem que dividir. E “cinco vezes esse valor” ou “o dobro” significam multiplicação. Entende?

Ele passou toda a lista de palavras comigo, uma a uma, até que aquilo enfim começou a fazer algum sentido. Depois, fizemos os problemas do livro de matemática, começando pelos exemplos resolvidos. Ele tinha razão: depois que encontrava a palavra-chave de cada problema, eu entendia o que era para fazer. Consegui resolver quase todos os exercícios sozinho, embora o Auggie tenha revisado cada um deles comigo depois que terminei, só para ter certeza de que eu tinha entendido mesmo.

23h46

Meu tipo de livro preferido sempre foi suspense. Tipo, tem algo no início do livro que você não sabe. E aí, no fim, você descobre. Mas as pistas estavam ali o tempo todo, você só não sabia como lê-las. Foi assim que me senti depois de falar com o Auggie. Como se esse mistério colossal que eu não conseguia entender antes estivesse agora completamente resolvido.

— Não acredito que finalmente estou entendendo — falei para ele depois que revisamos o último problema. — Valeu mesmo, Aug. Sério, obrigado.

Ele sorriu e se aproximou mais da tela.

— Tranquilo — falou.

— Realmente devo uma a você.

O Auggie deu de ombros.

— Sem problema. É para isso que servem os amigos, certo?

— É.

— Boa noite, Chris. A gente se fala!

— Boa noite, Aug! Obrigado mais uma vez. Tchau!

Ele desligou. Fechei o livro.

Fui ao quarto de hóspedes contar ao papai que o Auggie tinha me ajudado a entender a matéria toda de matemática, mas ele não estava lá. Bati na porta do banheiro, mas ele também não estava lá. Então notei que a porta do quarto da minha mãe estava aberta. Dava para ver as pernas dele esticadas na cadeira perto da penteadeira. Do corredor não dava para ver o rosto dele, então entrei de fininho, para avisar que eu tinha terminado de falar com o Auggie.

Foi quando notei que ele tinha pegado no sono, a cabeça caída de lado. Os óculos estavam na ponta do nariz, e o laptop, no colo.

Fui na ponta dos pés até o armário, peguei um edredom e cobri as pernas dele. Fiz isso bem de leve, para não acordá-lo. Então peguei o laptop e o coloquei na penteadeira.

Fui até o lado da cama onde mamãe estava dormindo. Quando eu era pequeno, ela sempre pegava no sono enquanto lia para mim, na hora de dormir. Eu a cutucava para acordá-la se o livro ainda não tivesse terminado, mas às vezes era mais forte que ela. Mamãe dormia ao meu lado, e eu ficava ouvindo a respiração suave dela até pegar no sono também.

No entanto, já fazia muito tempo que eu não a via dormindo. Ao olhar para ela agora, mamãe parecia meio pequena. Eu não me lembrava das sardas que ela tinha nas bochechas. Nunca tinha reparado nas pequenas linhas em sua testa.

Por alguns segundos fiquei observando-a respirar.

— Eu te amo, mamãe.

Mas não falei alto, porque não queria acordá-la.

23h59

Quando voltei para o meu quarto, era quase meia-noite. Tudo estava exatamente como eu tinha deixado pela manhã. Minha cama ainda desarrumada; meu pijama embolado no chão; a porta do armário escancarada. Em geral, mamãe arrumava meu quarto depois de me deixar na escola, mas dessa vez, claro, ela não pôde fazer isso.

Parecia que haviam se passado dias desde que ela tinha me acordado.

Fechei a porta do armário, e foi quando notei o trombone encostado na parede. Então o acidente não tinha acontecido quando ela estava levando as minhas coisas! Não sei bem por quê, mas isso fez com que eu me sentisse muito melhor.

Coloquei o trombone ao lado da porta do quarto, para não esquecê-lo de novo no dia seguinte, quando estivesse indo para a escola, e guardei o dever de ciências e o short de educação física na mochila.

Então me sentei à escrivaninha.

Sem pensar muito, respondi a mensagem do Elijah.

Oi, Elijah. Obrigado por me convidar para entrar na banda de vocês. Mas vou ficar com o John para o concerto de primavera. Boa sorte com Seven Nation Army.

Mesmo que eu fizesse papel de idiota na apresentação, não ia abandonar o John assim. É para isso que servem os amigos, certo? *It's the final countdown!*

Às vezes, as amizades são difíceis.

Vesti o pijama, escovei os dentes e fui para a cama. Então apaguei o abajur na mesinha de cabeceira. As estrelas no teto brilhavam, com um forte tom verde-neon, como sempre acontecia logo depois que eu apagava a luz.

Eu me virei para o lado, e foi quando bati os olhos numa luzinha verde em forma de estrela no chão. Era a estrela que mamãe tinha colado na minha testa de manhã, que eu tinha jogado longe.

Eu me levantei, peguei a estrela e a colei na testa. Então voltei a me deitar e fechei os olhos.

We're leaving together
But still it's farewell
And maybe we'll come back
To Earth, who can tell
I guess there is no one to blame
We're leaving ground
Will things ever be the same again?

*It's the final countdown…**

* Estamos partindo juntos

Mas ainda é um adeus
E talvez a gente volte
para a Terra, quem vai saber?
Acho que não é culpa de ninguém
Estamos saindo do chão
As coisas algum dia voltarão a ser as mesmas?

É a contagem regressiva final…

FIM

Sobre a autora



R. J. Palacio mora em Nova York com o marido, os dois filhos e dois cachorros. Por mais de vinte anos foi diretora de arte e designer gráfica, trabalhando nos livros de outras pessoas enquanto esperava o momento certo para começar o próprio romance. Sua estreia na literatura foi com *Extraordinário*, uma comovente história que deu origem a este e-book, ao e-book *O capítulo do Julian* e ao livro *365 dias extraordinários*.

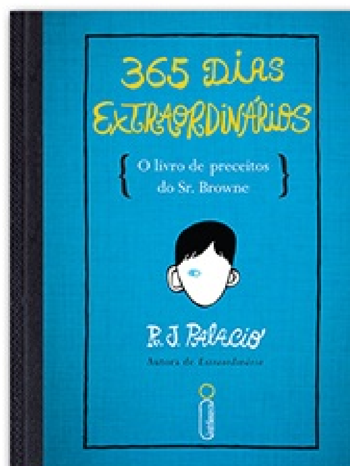
Conheça outros títulos da autora



Extraordinário



O capítulo do Julian
(novela em e-book)

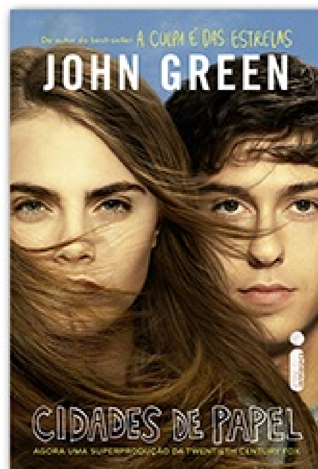


365 dias extraordinários

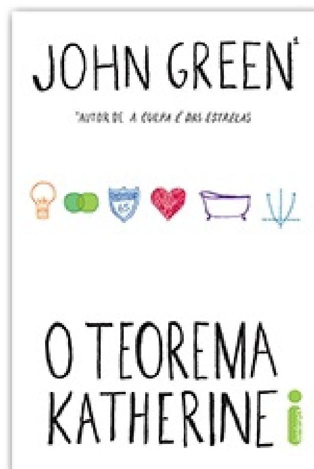
Leia também



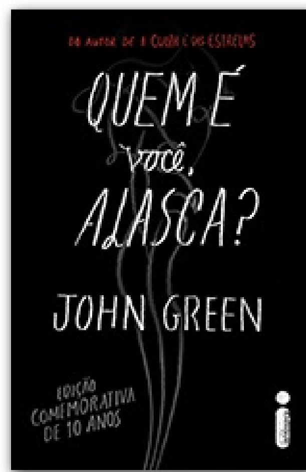
A culpa é das estrelas
John Green



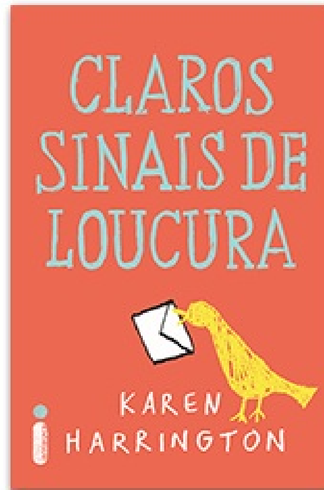
Cidades de papel
John Green



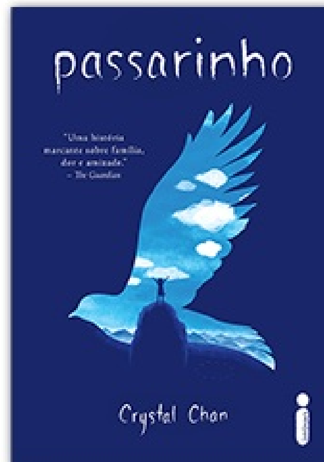
O Teorema Katherine
John Green



Quem é você, Alasca?
John Green



Claros sinais de loucura
Karen Harrington



Passarinho
Crystal Chan